

CHRISTINA DA SILVA ROQUETTE LOPREATO

A ELEIÇÃO DOS EXCLUÍDOS
(A RESISTÊNCIA DO MÍSTICO GALDINO)

*Este exemplar corresponde
à redação final da Tese
defendida pela Dra. Chris-
tina da Silva Roquette
Lopreato e aprovada pe-
la Comissão Julgadora.
Campinas, 17 de setembro de 1986.*

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de Campinas

Peter Eisenberg

Campinas
1986

L881e

7439/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Unidade	90
Proc.	
Aprov.	
Presp.	Doado
Data	08/10/86

A meus pais e a minha avó Cecília,
pelo estímulo aos estudos,

a Francisco Luiz,
Luiz Guilherme, Fernanda e Marina,
pela compreensão da ausência,

a Galdino,
pela fé inabalável em um mundo melhor

dedicamos este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela concessão da bolsa de estudos que possibilitou a realização do trabalho;

Ao Prof. Dr. Peter L. Eisenberg, pela dedicação e rigor intelectual com que orientou a pesquisa;

Aos Professores Lísias Nogueira Negrão e Josildeth Gomes Consorte, pelos caminhos apontados que permitiram desvendar o "Caso Galdino";

Aos colegas do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, Leandro José Nunes e Paulo Roberto Albiery Neri, pelas discussões que possibilitaram melhorias no trabalho;

A Alcides Silva, pelo auxílio na localização dos documentos;

Ao Prof. Aldo Luis Bellagamba Colesanti, pela paciência na revisão dos originais e pela empatia que expressou quando da leitura do texto;

A Cláudia de Oliveira, pela excelente datilografia.

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I	
O PALCO E O PROTAGONISTA.....	06
O Nascer da Cidade.....	06
A Resistência à Morte por Afogamento.....	11
O Renascer da Cidade.....	16
Galdino - O Boiadeiro de Deus.....	17
. História de Vida.....	17
. A Revelação.....	22
CAPÍTULO II	
BENZEÇÃO - A CURA PELA FÉ.....	27
Doença e Saúde no Universo Simbólico de Galdino.....	29
Benzedor: Agente Popular de Cura.....	32
CAPÍTULO III	
O PROCESSO DE DESENCANTAMENTO DO MUNDO.....	37
Religião Popular e Universo Rural.....	39
O Mundo Encantado.....	46
. O Discurso sobre o Trabalho: Trabalho Urbano X Trabalho Rural...	47
. Trabalho e Espaço Familiar.....	49
O Desencantamento do Mundo.....	52
CAPÍTULO IV	
A CONSTITUIÇÃO DA FORÇA DIVINA - CRIME E CASTIGO.....	54
Conflito com a Polícia de Rubinéia.....	57
Incidente com a Igreja de Rubinéia.....	61
Conflito com a CESP.....	65
A Formação da Força Divina.....	66
A Repressão ao "Exército Divino".....	73
Julgamento e Castigo.....	75
CAPÍTULO V	
PODER PSQUIÁTRICO - A ESTRATÉGIA DA RE(EX)CLUSÃO.....	80
Estratégia da Condenação: Ordem Jurídica e Autoridade Médica.....	82
Manicômio: Exclusão X Inclusão.....	84
A Libertação: De Volta à Rubinéia.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
BIBLIOGRAFIA.....	96
ANEXOS.....	104

INTRODUÇÃO

O presente estudo objetiva desvendar as raízes e desdobramentos do movimento de cunho messiânico que eclodiu no município de Rubinéia (SP), em 1970, liderado por Aparecido Galdino Jacinto (vulgo Aparecidão), identificando o processo de repressão ao mesmo que resultou na sua prisão e posterior internamento em Manicômio Judiciário.

O despertar para o "Caso Galdino" se deu em 1974, através de Miguel Nakamura, colega do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo que convivera com Galdino no pavilhão de presos políticos da Penitenciária do Carandiru em São Paulo, onde se encontravam aprisionados no início dos anos 70, sob acusação de crimes praticados contra a Segurança Nacional. Por outro lado, a cobertura que os jornais de grande circulação no país — em especial a Folha de São Paulo e Jornal do Brasil — deram ao caso em pauta, trazendo a público o desenrolar dos acontecimentos que resultaram na internação de Galdino no Manicômio Judiciário de Franco da Rocha em 1972, aguçou nosso interesse em descobrir as razões que levaram Galdino a congregar, em torno de si, um pequeno exército de fiéis — "Força Divina" — constituído para pregar a paz entre os homens, o que lhe custou 9 anos de encarceramento.

Importa relembrar que os anos 70 no Brasil foram marcados pelas agruras de um regime autoritário instaurado pelo movimento político-militar de 1964, que, no seu obscurantismo, reprime violentamente um pequeno exército de fiéis por acreditá-lo perigoso à Segurança Nacional e confina seu líder em manicômio. Por sua vez, a sentença condenatória que o Poder Judiciário atribui a Galdino, balizada no laudo psiquiátrico que o rotula de "esquizofrênico-paranóico", demonstra a convivência da psiquiatria com o poder constituído no caso em tela, exercido através do Judiciário.

A trajetória de Galdino, durante o período em que permaneceu nosocomiado, foi acompanhada e divulgada pela imprensa principalmente através da publicação dos pareceres psiquiátricos, que anualmente confirmavam o seu confinamento. Ao manter aceso o "Caso Galdino", a imprensa contribuiu para o debate em curso na década de 70, sobre o papel das instituições psiquiátricas como agentes de controle e repressão de indivíduos que ousam infringir as normas impostas pela sociedade, trazido à tona pela propagação das idéias de Foucault e representantes da anti-psiquiatria como Goffman, Basaglia, Szaz entre outros.

O "Caso Galdino" aparece em alguns estudos¹ que

¹Veja BARRÓS, José Manoel de Aguiar - "A Utilização Política-Ideológica da Delinquência", Caderno do CEAS, nº 71, jan./fev. 1981, Salvador, p. 67; BUENO Joel e Jussara Lins - "O Caso Aparecido", Rádice nº 1, ano 4, Rio de Janeiro, p. 09 a 15; CARVALHO, Ricardo - "Por que Este Homem Não Consegue Enlouquecer?", Psicologia Atual, ano I, nº 8, São Paulo, p. 40 a 44; CHAUÍ, Marilena - Conformismo e Resistência - Aspectos da Cultura Popular, São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 36; MARTINS, José de Souza - A Militarização da Questão Agrária no Brasil, Petrópolis, Vozes, 1985, p. 113 a 127 e SOUZA, Percival de - A Revolução dos Loucos, São Paulo, Global Editora, 1970, p. 99 a 122.

investigam o autoritarismo dos anos 70 como exemplo da atuação da psiquiatria no processo de criminalização da contestação social, sendo que, na maioria deles, são comuns referências genéricas sobre as razões que o levaram a ser internado em asilo psiquiátrico. Deste modo, ao desvelar os motivos do enclausuramento de Galdino através da análise do seu próprio discurso, nosso estudo intenta fornecer subsídios para futuras pesquisas sobre o caso em tela ao mesmo tempo que procura suscitar novos prismas de análise sobre o mesmo.

O material utilizado na pesquisa foi extraído de entrevistas a nós concedidas por Galdino em Santa Fé do Sul (SP), nos anos de 1979, 81 e 83 e, somente na primeira delas, realizada logo após sua libertação, nos foi permitido gravar, após árduo trabalho de convencimento de seu filho Jonil, para o que colaboraram os professores Josildeth Gomes Consorte e Lísias Nogueira Negrão. Apesar de não conseguirmos localizar os demais integrantes da "Força Divina" que se dispersaram após o acontecimento, a leitura dos depoimentos dos adeptos de Galdino, constantes do processo-crime instaurado contra ele, permitiu-nos recuperar, ainda que de forma fragmentada, as razões que os levaram a segui-lo.

Os diferentes contextos histórico-sociais em que eclodem os movimentos de natureza messiânica, os horizontes ideológicos e expectativas distintas que permeiam tais eclosões, como também as diversas manifestações do sagrado, sugerem maneiras diversas de analisar o tema do messianismo. Entretanto, as diferentes abordagens sobre movimentos mes-

siânicos, em especial os estudos de Amado, Della Cava, Monteiro, Negrão e Consorte, Pereira de Queiroz e Vinhas de Queiroz,² entre outros, que investigam eclosões messiânicas no Brasil têm como traço comum uma situação de crise que provoca a manifestação messiânica e apontam que, por trás de tais movimentos, está a problemática da realização do capitalismo no Brasil.

A crise, no caso em estudo, eclode com a chegada à Rubinéia das Centrais Elétricas de São Paulo (CESP), empresa responsável pela construção da barragem de Ilha Solteira que resulta na morte de Rubinéia e no nascimento do movimento liderado por Galdino.

Nascimento e morte de Rubinéia são analisados no primeiro capítulo de nosso trabalho que procura, por um lado, reconstruir o palco do movimento e, por outro, recuperar a trajetória do protagonista percorrida do seu nascimento à teofania inaugural de uma vida mística.

Em seguida, nosso estudo envereda pela discussão sobre benzimento posto que, na época da formação da "Força Divina", Galdino era um benzedor famoso que congregava em torno de si diversas criaturas agraciadas pelas curas.

No terceiro capítulo, procuramos reconstruir, através da análise do discurso de Galdino, a sua visão de mundo a fim de compreendermos como se desencadeia o processo de desencantamento que Galdino e seu grupo experimentam.

A seguir, nossa pesquisa se volta para a forma-

²As obras dos autores citados encontram-se arroladas na Bibliografia.

ção da "Força Divina", responsável pelos processos que Galdino viria a responder nas esferas da Justiça Comum e da Justiça Militar.

O quinto e último capítulo se propõe a investigar o internamento de Galdino no Manicômio Judiciário de Franco da Rocha como uma das estratégias utilizadas pelo autoritarismo vigente nos anos 70 para reprimir o desajustamento social, ressaltando a resistência cotidiana de Galdino através da fé à tentativa de sua inclusão na realidade que o nega.

CAPÍTULO I

O PALCO E O PROTAGONISTA

RUBINÊIA - A CIDADE DOS POETAS

Cidade quase toda consagrada a poetas e prosadores, haverá outra no Brasil ou no mundo que em geral prefere valores menos abstratos e abre exceção para um literato mantendo a regra em louvor de mil homens de ação prática?
(Carlos Drummond de Andrade)

O movimento liderado por Aparecido Galdino Jacinto teve lugar em Rubinêia, cidade consagrada a poetas e prosadores brasileiros que submergiu em abril de 1973 sorvida pelo lago artificial formado pela represa de Ilha Solteira.

Em 1970, época da eclosão do movimento, o município de Rubinêia, banhado pelo rio Paranã após o encontro dos rios Grande e Paranã, ocupa uma área de 248 km² e conta com uma população de 4849 habitantes, extremamente jovem em seu conjunto: 57% com menos de 20 anos de idade e 65% com menos de 30¹.

¹Os dados apresentados foram extraídos dos Censos Demográfico, Comercial, Industrial e Agro-Pecuário da região de São Paulo. IBGE, 1970.

Rubinéia define-se como eminentemente agrícola residindo a maioria de seus moradores na área rural², distribuídas em 291 propriedades agrícolas que ocupam uma área de 13.143 ha. A agricultura é escassamente mecanizada — apenas 19 tratores são utilizados em 14 propriedades — e a mão-de-obra, por sua vez, é intensamente utilizada na atividade agrícola que absorve 70% da população³. Os produtores rurais são, em grande parte (83%) proprietários de terra⁴, predominando a seguir, os arrendatários (12%), os parceiros (4%) e posseiros (1%).

No que tange à produção agrícola, somente 5% dos estabelecimentos rurais não possuem área de lavouras. As culturas temporárias predominam e 96% das propriedades rurais dedicam-se, principalmente, ao cultivo de milho, algodão, feijão, mandioca e arroz. As culturas permanentes mais importantes são café e laranja.

Em relação à estrutura agrária, as pequenas propriedades prevalecem em Rubinéia e são cultivadas pelos membros da família⁵, que se dedicam à agricultura de sub

²É importante ressaltar que 76% da população do município procede da zona rural oriundos, em sua maior parte (92%) de cidades do interior paulista.

³É interessante salientar que, face a presença maciça de jovens na composição da população do município, a população não economicamente ativa representa 70% dos habitantes e 67% desse contingente populacional encontra-se inserida no setor rural. Por outro lado, das 1452 pessoas que participam da população economicamente ativa, 1126 estão engajadas em atividades agro-pecuárias.

⁴Das 291 propriedades existentes, 241 são particulares e ocupam 94% da área rural.

⁵A família rubineense possui, em média, de 6 a 10 componentes.

sistência. Destarte, o município possui um setor industrial inexpressivo, assim como a atividade comercial é pouco desenvolvida.

O município apresenta um alto índice de população em idade escolar e, apesar de possuir um percentual elevado de habitantes sem instrução (41%) se destaca pelo empenho em erradicar o analfabetismo rural.

Apesar das semelhanças com outras cidades localizadas em áreas rurais, Rubinéia "na paz de suas belas letras, no bulício de suas 13 escolas"⁶ é uma cidade diferente, diferente desde o seu nascer.

O NASCER DA CIDADE

A origem do nome é simples e pitoresca. Rubinéia — fusão eufônica de Rubens e Néia (Nair), seus fundadores — surgiu na fase de expansão do café em direção ao Oeste Paulista.

Rubens de Oliveira Camargo, proprietário de terras na região, ao saber que os trilhos da Estrada de Ferro Araraquarense chegariam às barrancas do rio Paranã e que, forçosamente, no terminal da via férrea surgiria uma cidade, decidiu lotear suas terras com vistas a erigir uma cidade e, para atrair povoadores, doava lotes a quem não tinha como comprá-los sob condição de construir no terreno ofertado.

⁶Carlos Drummond de Andrade, "Aconteceu em Rubinéia", Jornal do Brasil, 28.10.71.

Os primeiros pioneiros aparecem em 1951 e, um ano mais tarde, chega, à vila nascente, Manoel Cândido de Oliveira (com quem mais tarde Aparecido iria trabalhar) que monta uma pequena serraria. Com o auxílio de outros pioneiros "no local onde depois foi aberta a Praça da Matriz, derruba duas velhas aroeiras e ali mesmo, a machado, lava o lenho para erigir o Cruzeiro"⁷.

Em 3 de outubro de 1952, "sob invocação de Santa Terezinha pedem aos céus proteção à urbe que nascia... Lá está silente, a orar, D. Maria Campeira, velha de tantas virtudes e de variado conhecimento, que sabia como ninguém o benzimento para cobra venenosa, a oração para quebranto, as mezinhas para a maleita, o emplasto para as dores sem nome ... Lá está também o padre Walter para celebrar a primeira missa em Rubinéia"⁸. A cidade nascia sob a coexistência pacífica da religião católica e do catolicismo popular.

Impulsionada pela chegada da ferrovia — inaugurada em 1953 pelo então governador paulista, Lucas Nogueira Garcez — Rubinéia progride e seu rápido progresso vem a justificar a criação do distrito de paz de Rubinéia pela lei quinquenal de 1953.

Em 1962, o então vereador Osmar A. Novaes, da Câmara Municipal de Santa Fê do Sul, município ao qual Rubinéia pertencia, lidera uma campanha pela emancipação política da cidade, que só foi possível após intenso tra-

⁷O Jornal, Santa Fê do Sul, Outubro de 1983, p. 4.

⁸Idem, ibidem, p. 2.

balho junto à Assembléia Legislativa, visto que o governador de São Paulo na época — Carvalho Pinto — vetara a criação de novos município. Dois anos mais tarde, Rubinéia consegue elevar-se à categoria de município⁹ que, instalado em março de 1965, empossa seu primeiro prefeito, Osmar A. Novaes.

Durante sua gestão (1965-1969), o chefe do executivo municipal e o advogado da prefeitura, Alcides Silva, resolvem atribuir às ruas e avenidas da cidade nomes de poetas, romancistas, ensaistas, heróis e seresteiros brasileiros¹⁰. O poeta Drummond, um dos homenageados, assim cantava Rubinéia; "pequena cidade civilizadíssima, pois quando tinha de dar nome às ruas não fazia por menos: batizava-as de Machado de Assis, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, outros mais. Esquecendo-se de que estamos vivos, lembrou-se ainda de Vinícius e deste escrevente: dele, com justiça; de mim, como brincadeira... E, assim, em Rubinéia, Machado vizinhava com Cecília, Rosa cantava do Urucuia a Bilac, Bandeira e Mário não precisavam cartear-se; viam-se"¹¹.

Entretanto, ao se iniciar a década de 70, a construção do "Brasil-Potência" idealizada pelos responsáveis pelo movimento político-militar de 1964 chega a Rubinéia para modificar o *modus-vivendi* de seus habitantes, poetas e prosadores por eles agraciados com nomes de logradouros

⁹Rubinéia consegue a emancipação política através da lei nº 8092 de 28/02/64.

¹⁰Conforme decreto municipal nº 11 em seu artigo 1º de 17.11.67.

¹¹Carlos Drummond de Andrade, op. cit.

públicos.

O período que se estende de 1968 a 1973 — fase do "milagre econômico brasileiro" — assinala o surgimento de obras faraônicas e é neste contexto que se projeta, segundo a CESP, a "maior obra do mundo livre no campo energético", a construção da barragem da usina-monstro no complexo de Urubupungá. A construção de tal obra sela o destino de Rubinéia pois, situada às margens do rio Paraná, é condenada a desaparecer porque a área por ela ocupada faz-se necessária à bacia de acumulação de Ilha Solteira. O projeto "Brasil-Potência" fadou-a ao desaparecimento.

A RESISTÊNCIA À MORTE POR AFOGAMENTO

Rubinéia estava com seu destino selado e lançada à sorte as pessoas que nela residiam. O poeta Drummond assim lamentava a perda de sua condição de placa de rua: "está o homem tranqüilo em sua condição de placa de esquina, servindo à orientação de pedestres e motorizados, e começam a surgir em torno dele estranhas questões ligadas ao desenvolvimento nacional, à propriedade privada e à política em termos paroquiais. Chega o momento em que até a provação de seqüestro lhe é infligida. Pensam que fica nisso? Engano. Os aborrecimentos terminam — estou falando sério — em morte por afogamento"¹².

A área demarcada para a construção da Usina Hi

¹² Carlos Drummond de Andrade, op. cit.

drelétrica de Ilha Solteira atingia 80% da cidade que, em breve, seria tragada pelas águas. As Centrais Elétricas de São Paulo (CESP), empresa responsável pela construção da barragem bem como pela destruição da cidade, interessada em desocupar com a maior brevidade possível a área a ser inundada, iniciou o processo de desapropriação — sem se acercar de, pelo menos, uma declaração de utilidade pública¹³ — com a retirada de 40 famílias que ocupavam a Ilha Grande com 800 alqueires de terra situada no rio Paranã, próximo a Rubinéia. Estas famílias que ali cultivavam arroz, milho, feijão e banana tinham apenas a posse da terra onde construíram moradias rústicas e fizeram algumas benfeitorias.

Aos primeiros "retirantes" a CESP proporcionou uma indenização generosa pelas benfeitorias realizadas e estes, satisfeitos com o valor recebido, alardearam a generosidade da empresa. Os proprietários, entusiasmados, passaram a acreditar que seriam regamente indenizados¹⁴ em virtude de terem sido bem gratificados aqueles que nem propriedades tinham. Ao granjear a simpatia dos rubineenses, a CESP fez crer à maioria dos moradores que com o dinheiro da indenização poder-se-ia viver melhor em outras pla

¹³ O decreto-lei 3365 que versa sobre desapropriação por utilidade pública em seu artigo 3º afirma que os concessionários de serviços públicos e os estabelecimentos de caráter público ou que exerçam funções delegadas de poder público poderão promover desapropriações mediante autorização expressa, constante de lei ou contrato. Veja Código de Processo Civil, São Paulo, Ed. Revista dos Tribunais, 1978, p. 380.

¹⁴ Na realidade, as casas existentes na área central foram pagas de maneira satisfatória, mas, ao atingir a periferia, os valores caíram vertiginosamente.

gas. Assim, convencidos de que o pagamento pela perda dos bens era a melhor solução, os habitantes, após indenizados, iniciaram o processo de demolição de suas casas para aproveitamento do material. A população mudou-se, em grande parte, para a capital paulista e alguns moradores se dirigiram para as cidades próximas como Santa Fé do Sul, Três Fronteiras, Estrela do Oeste e Rio Preto e, em pouco tempo, Rubinéia era só escombros, restando em pé apenas os prédios da Prefeitura — Paço Municipal, Ginásio Estadual, Delegacia de Polícia e Posto Telefônico.

A maioria da população mostrava-se favorável ao simples desaparecimento da cidade. Entretanto, o prefeito Rubens Messaros e alguns moradores, destacando-se entre eles, Galdino, resistiram ao desaparecimento de Rubinéia. Eles defendiam o mesmo tratamento dado pela CESP a outras cidades também submersas como Itapura, Igaratã, etc., ou seja, a reconstrução da cidade em outro local, o que não interessava à empresa pois pretendia transferir a sede do município de Rubinéia para Ilha Solteira, visto que, na época, estava proibida a criação de novos municípios.

Na realidade, a CESP, apesar do porte e importância enquanto empresa governamental, não se muniu dos instrumentos legais e jurídicos para dar fim ao núcleo urbano e, sem decreto de utilidade pública ou de extinção do município, iniciou a aquisição dos imóveis de Rubinéia. A atitude precipitada da CESP em selar a sorte de Rubinéia como cidade levou-a a desconsiderar não só os aspectos jurídicos como também os custos sociais advindos da desapa-

rição da cidade, mesmo porque essas preocupações entravam na pauta do regime vigente apenas marginalmente.

A reconstrução da cidade em outro local, objetivo perseguido pelo prefeito e alguns moradores que resistiam ao desaparecimento de Rubinéia, desencadeou um processo litigioso entre a CESP e a Prefeitura que, mesmo sem contar com o apoio da Câmara Municipal que cedeu aos argumentos da CESP, levou adiante a sua luta. A questão jurídica teve início quando a Prefeitura exigiu uma indenização pelos prédios públicos considerada excessiva pela empresa. A recusa da CESP em pagar a quantia solicitada deu novos rumos ao processo e, valendo-se da imprevidência jurídica da empresa, a Municipalidade de Rubinéia decidiu exigir o pagamento do imposto territorial urbano, já que inexistia a seu favor o princípio da isenção fiscal.

A CESP considerou descabida a cobrança do tributo afirmando que "tendo Rubinéia perdido os elementos indispensáveis à sua caracterização como urbs ou cidade, segue-se, obviamente que não há mais lugar nem causa que legitime o lançamento do imposto territorial urbano resultante, neste caso, de estranho capricho da autoridade municipal"¹⁵. A Prefeitura manteve-se irredutível alegando que "enquanto as águas não cobrirem o território nada obsta que o perímetro urbano lá permaneça. E o fato gerador do imposto territorial urbano continuará existindo"¹⁶. A resposta da CESP foi o descaso e a empresa, no seu ufanismo de mo

¹⁵ Cf. Autos do executivo fiscal movido pela Fazenda Municipal de Rubinéia contra Centrais Elétricas de São Paulo S/A, Cartório do 2º Ofício de Santa Fé do Sul, processo nº 388/71, p. 56.

¹⁶ Idem, ibidem, p. 81.

dermo bandeirante, considerava-se grande demais para se ocupar com a Prefeitura de uma pequena cidade destruída do interior. Por sua vez, a Fazenda Municipal, amparada na lei do executivo fiscal procedeu o seqüestro dos bens que deram origem à dívida. O litígio se arrastou por dois anos (1970/1972) quando, finalmente, as duas partes fizeram um acordo pondo fim à contenda. A "Velha Rubinéia" que submergiu em abril de 1973 foi assunto de uma crônica de Drummond intitulada "Os Submersos" na qual o poeta dialoga com seus amigos debaixo de 8 milhões de metros cúbicos de água:

"Poetas amigos, que eram placas de rua em Rubinéia, que tal a vida aí embaixo, no lago? A princípio é meio estranha, não? Compreendo. Depois a gente se habitua. Nenhuma casa em que moramos se entrega imediatamente. É preciso entendê-la, conquistá-la. E a casa de água, então ... Uma rua de água, placa indicando esquina de água a transeuntes peixes: não é todo dia que um objeto destinado a servir debaixo de sol se encontra em semelhante situação.

Já sei, poeta Bandeira, que você está rindo. Achando graça no desconforto líquido, e captando com olhar agudo a mobilidade de tons diferentes de água para lhes atribuir correspondência verbal. E você, poeta Cecília, que me conta dessa viagem às Índias submersas, às Hollandas hidrelétricas, ao país de água da ilha Solteira, que romancista algum ainda não cantou? Está conferindo o verde de seus olhos com esse verde piscina? Olhe, aquele velhinho ali foi seu vizinho extratempo no Cosme Velho; uma reverência a Machado de Assis, mesmo em camadas profundas, principalmente nelas, é de bom preceito.

O ácido Graciliano está mais adiante, e ainda não se conformou em ser placa de rua; acha que tudo isto é palhada. Não importa. Se os nomes falam entre si, as placas também dialogam, e a dele tem um bom papo de quem viveu momentos fortes e sabe comunicar-lhes a emoção em linguagem ríspida. A represa não é um cárcere, como aquele em que o romancista pagou por faltas não cometidas"¹⁷.

¹⁷ Publicada no Jornal do Brasil, 12 de abril de 1973.

Por sua vez, a Prefeitura, na sua insignificância, conseguiu os seus objetivos. Com o dinheiro da indenização pôde construir os prédios municipais no novo núcleo urbano já em formação em terreno adquirido pela Prefeitura e que viria a ser a "Nova Rubinéia"¹⁸.

O RENASCER DA CIDADE

A "Nova Rubinéia" que já se projetava nos versos de seus poetas que

"lá no fundo das águas
vão reconstruí-la, vão reescrevê-la,
e ela virá à tona, com limos e com magmas,
e nós, homens mortais, vamos arrancá-la das águas
como nasce uma estrela de outra estrela"¹⁹

surgiu, apesar da CESP, a menos de mil metros de distância da cidade demolida reverenciando, novamente, poetas e escritores brasileiros²⁰.

A população da cidade é constituída, fundamentalmente, de moradores da "Velha Rubinéia" que, forçados a migrar, aos poucos retornaram ao local de partida. Grande parte dessa população, formada em sua maioria por trabalhadores rurais, de posse do dinheiro das indenizações se dirigiu para a capital paulista sendo tragada pelo sonho consumista. Sem dinheiro e sem lugar nos grandes cen-

¹⁸ A área onde foi edificada a nova cidade foi adquirida pela Prefeitura em setembro de 1970, quando a mesma ainda não havia sido indenizada pela CESP. Foi necessário a tomada de um empréstimo bancário para que a Prefeitura depositasse, judicialmente, o valor prévio da indenização para tomar posse da área.

¹⁹ Cf. Sidonio Muralha, "O último luar de Rubinéia", citado por Carlos Drummond de Andrade em "Aconteceu em Rubinéia".

²⁰ Reconduzido ao cargo de Prefeito em fevereiro de 1973, Osmar Novaes providenciou a recolocação das placas, voltando Rubinéia a ser "a cidade dos poetas".

tros urbanos industriais, por se tratar de mão-de-obra não qualificada, retornou em massa ao ponto de partida. Os que não regressaram foram engrossar o contingente de bôias-frias da região de Ribeirão Preto.

A "Nova Rubinéia", fruto de obstinação de alguns moradores em reconstruir a cidade e da insensibilidade do desenvolvimento capitalista do Estado Autoritário, perdeu suas características peculiares de município que procurava bastar-se a si próprio, tornando-se hoje cidade dormitório da população que trabalha em cidades vizinhas.

GALDINO - "O BOIADEIRO DE DEUS"

História de Vida

APARECIDO GALDINO JACINTO (vulgo Aparecidão) nasceu em 15 de agosto de 1923, na cidade de Maracá, Estado de São Paulo, filho de Galdino Jacinto e Mariana Rosa de Jesus, ambos colonos de café. Desde criança aprendeu a lidar com a terra e já aos 6 anos ajudava os pais a cuidar do roçado que mantinham para subsistência. Sua tarefa era *arrancar aqueles matinhos dos pés de mantimento, milho, arroz, feijão, pra eles*²¹ e ao completar 7 anos, ganhou de presente uma enxadinha e, a partir de então, passou a contribuir mais efetivamente nos trabalhos da lavoura.

Escola, Aparecido não freqüentou. Sua educação,

²¹No decorrer da pesquisa, aparecerão, grifadas em itálico, as falas de Galdino.

como afirma é *uma educação de berço* e os valores que os pais lhe transmitiram — apego ao trabalho, amor ao semelhante e devoção a Deus — nortearam sua vida desde a infância. O respeito aos mais velhos lhe foi incutido e quando parecia uma pessoa mais velho que eu, então era obrigado a tomar bênção daquelas pessoa. Segundo Galdino, em sua época de menino os pais corrigia os filho e os pais eram corrigido de si próprio, os pais também sabiam que não podiam tá errando demais para os filho não sair errado. O pai dizia *ôia* *voceis* num pode fazer arte pra num projudicar o vizinho, pra num prejudicar o semeiante e pra não prejudicar a Deus porque Deus num gosta de menino ar-teiro. Então, era o que meu pai falava, ensinava *nóis*, então era o que *nóis* seguia.

Os pais, católicos fervorosos, logo o introduziram na religião por eles professada. Aos domingos, juntamente com os oito irmãos, ia pra Igreja rezar, ia ouvir missa, ia ouvir o catecismo e ficava o dia inteiro enrolado dentro da Igreja vendo o catecismo.

Galdino permaneceu em companhia dos pais até 1936, quando faleceu a mãe e, a partir de então, já não deu mais pra mim acompanhar meu pai e com a idade de 13 anos eu precisei sair pro mundo porque meu casou novamente e eu num dava certo com a madrasta. Foi morar com o tio José Jacinto, que possuía uma fazenda na localidade chamada Água de Inhumas, perto de Maracá (SP) e o ajudava a zelar da porcada, cascã milho pra dá pros capado de manhã cedo e depois que trabalhava de porcada então ia trabaiã na

roça.

Aos 15 anos, começou a trabalhar na lida do gado conduzindo-o do Estado de São Paulo para o Paraná como ajudante de Chico Fumeiro cujo apelido, segundo Galdino, advinha das transações que o mesmo efetuava com gado e fumo. Em sua nova atividade de boiadeiro, Aparecido viveu como agregado em duas outras fazendas no interior paulista até 1940, quando se mudou para o Paraná dando início a nova fase de vida.

A vida paranaense começou em Porecatu, cidade que estava se formando na época. Primeiramente, trabalhou com o delegado local ajudando-o na matança de gado e comercialização da carne para o açougue que o mesmo possuía. Em seguida, passou a trabalhar como capataz na fazenda de Albano Lunardelli. Nessa fazenda, *tinha muita gente, tinha turma de 150 homem abrindo pra plantar café e tudo e então precisava oiã esses homem e eu ia oiã aquela região na fazenda porque ele tinha muito maquinismo. Eu trabalhava aí, dei guarda ali.*

Insatisfeito no seu novo emprego, Galdino resolveu ingressar nas fileiras da polícia de Londrina depois de uma conversa com o sargento Ézio que conhecera na fazenda Lunardelli. No seu novo emprego, permaneceu de 1942 ao final da guerra em 1945. Nesse período, casou-se em agosto de 1944 com Maria Martinelli que conhecera em Sertãoópolis onde fora destacar.

De Londrina seguiu para Araponga, juntamente com

a mulher grávida do primeiro filho, onde voltou a exercer a atividade agrícola, trabalhando na fazenda de um farmacêutico da cidade, que o incumbiu de derrubar 9 arqueiros de mata, roçar e tirar lenha pra estrada de ferro. O retor no ao campo, agora como desbravador de matas foi difícil, principalmente para Maria, porque nem rancho nesse mato num tinha. Então levamos traia para fazer comida, chegamos lá eu fiz uma torda de lençor pra dormir e então a mulher cozinhava pra mim, cozinhava ali na mata, fez um fogão no meio da mata. Galdino trabalhava durante o dia e aproveitava a claridade das noites de luar para vazar os 9 alqueires. Mas, quando faltava uma quarta pra acabar de roçar oiei a minha muiê tava com as pernas toda inchada, então achei que não podia ela ficar no mato mais, então foi o ponto que eu peguei arrumei um irmão meu, Benedito Gardino Jacinto, meu irmão mais velho, então entreguei pra ele acabar de roçar aquele pedaço e tirar lenha pra estra da de ferro e decidiu ir para Sertanópolis onde minha muiê adoeceu do Jovenir, o mais velho.

Em Sertanópolis, Galdino abriu uma tosca selaria onde trabalhava com traia de couro, consertava rede, botina e fazia laço, rédea e cabeçada pra animais. Pela primeira vez, trabalhou por conta própria, mas a sua experiência pouco durou pois, ao final do 2º mês percebeu que era melhor trabaiá de empregado. Retornando a Londrina, empregou-se por pouco tempo na fazenda do capitão (de polícia) Pimpão onde trabaiava na roça, lidava com gado, tomava conta dos empregado dele, camarada de roça, faze-

dor de cerca, tudo serviço eu é que mandava. Em seguida, deslocou-se para Cornélio Procópio para trabalhar na fazenda de Arbetinho Mate arrendada do capitão Pimpão onde tomava conta de 2.000 cabeças de vaca, zelava pelo gado e tirava leite. Pouco tempo ali ficou pois o novo patrão o transferiu para uma outra fazenda arrendada nas Marrecas para tomar conta de uma novilhada, ali permanecendo até o término do arrendamento, quando foi novamente transferido, desta vez, para trabalhar na lida do gado em uma fazenda agora arrendada do capitão Zé Cândio perto de Cornélio Procópio. Ao terminar o prazo de arrendamento, Aparecido resolveu sair dele porque achei essa vida de tã jogado em fazenda arrendada acompanhando ele, arrendava uma fazenda ponhava lá, arrendava outra ponhava lá, vencia a renda tinha que ir embora. A família de Galdino sempre o acompanhava em suas andanças e o segundo filho estava a caminho.

Dali seguiu para Sertãoópolis para se empregar na Fazenda do Biguã, de propriedade de João de Barros, onde permaneceu cerca de um ano, trabalhando a seguir numa pequena fazenda de plantação de café como meeiro por mais ou menos um ano e meio. Dispois saí e entrei dentro de Londrina e montei um açougue na rua Marechal Deodoro chamado açougue Progresso. Dispois desse açougue que eu tive em Londrina, então vim pro Porto do Taboado, ali em baixo, Rubinéia.

Galdino mudou-se para Rubinéia em 1951, onde foi trabalhar na serraria de Manoel Candio e, posteriormente

te, na de José Rolho. Em 1955, resolveu trabalhar por conta própria. Aparecido começa sua vida de boiadeiro viajando pelos Estados de Mato Grosso, Goiás e Minas comprando e vendendo gado. Sua primeira viagem foi em abril onde em companhia de Lazinho Rocha foi para Goiás retornando em julho. No mês seguinte, *então peguei a trabaia com Armando Pereira e fui até fim de 1956.*

A família, instalada em Rubinéia, agora com quatro filhos (Juvenal, Josenil, Leonil e Jonil) não mais acompanhava Galdino que, às vezes, ficava 6 meses fora de casa. Comprara uma chacinha que ficava aos cuidados dos filhos e a família sobrevivia com o crédito que Galdino deixava nas vendas antes de partir para suas longas viagens.

Em janeiro de 1957, Galdino passou a trabalhar para o coroner João Arve negociando cavalo de raça em Goiás e partindo lucro com ele e continuei trabaiando por minha conta até 1958 quando se deu o despertar para a vida religiosa.

A Revelação

O episódio que assinala o início de uma nova vida ocorreu em 1958, em uma de suas viagens para transacionar uma tropa de burros. Assim ele nos conta: *eu tinha uma tropa de burro e sortei essa tropa de burro dentro de uma invernada dum homem em Aparecida do Taboado. E, outro dia, bem cedo eu precisava sair. Então, de manhã cedo pegou a*

chover e esses burro pegaram a correr. Correram muito e eu então pedia pra tudo quanto era santo, um pouco eu pedia pros santo, um pouco eu pedia pro diabo pra aqueles burro e assim ia que eu não tinha aquela fê firme, eu tinha muita fê mas era assim na minha coragem. Então, esses burro corriam demais, corria de fumaciar o lombo de tanto que eles suavam e correr. Então eu pedi pra Deus: Senhor, sei que Deus é forte, deu tudo nesta terra, domina tudo os mal, faz com que domine esses burro porque se inzistir Deus esses burro hã de parar e vir encontrar comigo. Então marchei firme do lado daqueles burro e os burros fizeram uma vorta no campo e pararam. Daí pus o cabresto naqueles 3 burro mais brabo com aquela fê que eu peguei com Deus porque Deus fazia eu pegar. Daí segui pra Goiãs, daquele dia em diante eu resorvi passar pro outro lado e não falei mais no diabo²². Eu tinha revôrver na cinta, bandonei meus revôrver, bandonei tudo os mal pensamento que eu pensava. Peguei firme com Deus, nunca mais lembrei de pensar na parte do mal. Resolvi acabar com um matador pra matar vaca arrendado com um açougueiro de Rubi nêia, num matei mais criação, num matei mais um passarinho, peguei a querer bem tudo quanto era coisa e vortô a-quele amor em tudo quanto era ser vivente e no próximo, a-quele amor mesmo, bandonei tudo quanto era maus pensamento. Eu comia carne, num comi mais carne, num pus carne na boca, nem carne de boi, nem de frango, sô fiquei comendo

²² Importa salientar que o rompimento de Galdino com as coisas do mal, consubstanciado no afastamento da figura do diabo até então presente em seu discurso, pode ser visto como o momento em que se dá a teofania inaugural de uma nova vida.

a carne de peixe. E continuei na minha viagem, viajando sempre.

Galdino continuou sua vida de boiadeiro, e, em 1961, em uma de suas viagens quando chegou num arto dos campo, então representou pra mim uma vóis pedindo pra eu tomar cuidado. Pensei que era os pião que tava viajando junto comigo. Eu oiei os pião, tinha 3 homem junto comigo tocando a tropa e vi que num era eles. Dispois tornô responder: Oh Aparecido, Cuidado!

Ao retornar de sua viagem quando cheguei no Estado de São Paulo já na estrada tinha argum animais doente eu já benzia os animais mas eu não acreditava em benzimento. Eu comecei a benzer entrada em 63, firme mesmo. Então eu peguei trazia aquela tropa doente, negociava com o povo e benzia aqueles animais doente, mordido de cobra, animais que não tinha nem couro na palheta, então eu benzia aqueles animais sarava. Tinha várias pessoa ali, dentro da Rubinéia, que dentro deste serviço que eu peguei a fazer, tem pessoas que viam o princípio do meu serviço benzendo animais doente. Então eu benzia aqueles cavalo pro povo compreender firme que eu tava firme do lado de Deus. Benzia com aquele pensamento firme, rezava pai-nosso, ave-maria, pedia pra Deus que curasse aquilo, afastasse aquelas doença. Então sarava os animais.

Em 1962, ao regressar de uma de suas viagens para Rubinéia, Galdino se deparou com um cavalo que havia quebrado a perna que bandonaram nas estrada que quebrou a perna num sara e eu peguei aquele cavalo e levei pra mi-

nha casa e fui benzendo. Todo dia eu benzia aquele cavalo, pedia pra Deus oiá, ajudã. Eu pedia pra Deus que desse vida praquese cavalo. Benzia assim com aquele pensamento firme, rezava pai-nosso, ave-maria pedia pra Deus que curasse aquele animal, afastasse aquelas doença. Então, se aquele cavalo sarasse eu podia servi pra ajudar o povo alguma coisa. Então arrisquei a ver se sarava aquele cavalo. Então, este cavalo, isto foi quando foi pra mim principiar o benzimento em pessoas. Então aquele cavalo foi ficando bom e dentro de 3 meis ele sarou. Quando ele sarou, aquele dia eu entrei no benzimento pra benzer o povo. Então eu tirei o cabresto daquele cavalo, num pus na cocheira mais, sortei ele na rua. Daquele dia, o cavalo foi pra rua e tornou vortã pra minha casa e dispois não pareceu mais. Aquele cavalo desapareceu que ninguém soube notícia nem pra onde foi, desapareceu e eu entrei nas 4 parede ben^zendo.

Quando começou a curar animais, a notícia foi até um senhor de Santa Fê do Sul que estava doente e este procurou Galdino para benzê-lo. Era um homem já de idade, então ele sentia muito ruim e a parte da doença dele ele disse que os médico não conhecia. Fazia tempo que ele tratava nos médico, vivia desenganado. Então benzi 3 veis aquele homem e ele sarou. Eu pedi pra ele num contã pra ninguém que eu benzo animais e o povo pode agora como benzi o Sr. sarou pode o povo vir.

A partir daí seus dons propagaram-se e várias pessoas passaram a procurã-lo chegando o mesmo a benzer

num só dia cerca de 800 pessoas. Segundo seu filho Jonil, "daí pra cá nossa casa virou bagunça, meu pai acolhia todo mundo que vinha procurar ele e acavavam morando dentro de casa e meu pai dava comida pra todos eles". Aparecido não só cuidava dos males espirituais como também se preocupava com a condição material das pessoas que o procuravam, em sua maioria constituída por uma população de baixa renda, pobres, despossuídos *mas não era só gente pequena. E não é só pobre, não, tinha muito fazendeirinho. Era vários tipo de gente que vinha de São Paulo. Esse mundo aí até Rio Preto vinha gente pra danar. Tava vindo gente do Paraná.* As pessoas provenientes de lugares distantes ficava dentro de minha casa de um dia pro outro posando, era uma base de 60, 70 pessoa, posava pra receber o benzimento noutro dia e ia embora. Então eu costurava os saco e fazia uma cama de saco. Enchia de paia eu mesmo e pe-dia aqueles outro povo que tava ali pra dá uma mãozinha pra mim rasgã aquela paia, fazer um corchão. Em casa era cheio desse corchão vêio, feito da minha mão, feito de sa-co assim, costurava, ponhava capim, ponhava paia pra ze-lar daquele povo.

A eficácia dos benzimentos praticados por Gal-dino nos encaminha para a discussão sobre a benzeção como alternativa ao processo de cura realizada pela medicina oficial.

CAPÍTULO II

BENZEÇÃO - A CURA PELA FÉ

*É a fé a substância do esperado
e argumento evidente do invencível:
Da fé a essência assim tenho julgado.*

(Dante Alighieri)

Durante vários séculos, acreditava-se serem os espíritos malignos os responsáveis pelo desvio do estado normal de saúde. A doença era procurada na alma do indivíduo e a saúde readquirida através de rituais de exorcismo. Inexistia a separação corpo/alma, espírito/matéria, "as atribuições religiosas confluíam com as curativas e as funções de sacerdote e médico integravam-se numa só pessoa".¹

Entretanto, a partir do século XVIII, com o nascimento da clínica médica, um novo conceito de doença passa a ser formulado pelo discurso médico "discurso técnico que se separava cada vez mais da visão de magia, demônio, bruxaria, feitiçaria".² A doença passa a ser atribuída a

¹Oswaldo Cabral, "A Medicina Teológica e as Benzeduras - Suas Raízes na História e sua Persistência no Folclore" em Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, nº CLIX, p. 20.

²Elda Rizzo de Oliveira, O que é Benzeção? São Paulo, Editora Brasileira, 1985, p. 21.

causas naturais e, portanto, só há que se considerar os fatores naturais e excluir toda e qualquer interferência de fatores extra-terrenos e sobrenaturais.

A doença agora se localiza no corpo humano, real, concreto, acessível, palpável, manifesto, que passa a ser visto isoladamente da alma. Funções mais restritas pas-sam a ser atribuídas aos sacerdotes: a eles cabe a salva-ção da alma e aos médicos compete a cura do corpo.

Aos doentes retira-se a responsabilidade da doença e ele deixa de ser capaz de recobrar a saúde por si só. Curar agora é compreendido como ato daquele que se en-carrega do paciente. O verbo curar adquire um sentido exclusivamente transitivo e quando "o sentido transitivo domina a linguagem, o provedor de cura obtém o monopólio e o que é abundante, gratuito e de grande valor torna-se alguma coisa que, por definição é rara, tem um custo monetá-rio de produção e um preço de mercado".³ Curar deixa, portanto, de ser dom e passa a ser mercadoria. .

Entretanto, o conceito teológico da medicina — arte popular de curar por meio de benzeduras — conseqüên-cia da fé e da crença não desapareceu nos dias da medici-na científica. Esta avança, mas aquela persiste e a benze-dura hoje se apresenta como um meio adjuvante de cura e um recurso terapêutico eficiente para os que nela crêem.

³Ivan Illich, A Expropriação da Saúde - Nêmesis da Medicina, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975, p. 76.

DOENÇA E SAÚDE NO UNIVERSO SIMBÓLICO DE GALDINO

No universo simbólico de Galdino, as doenças , em sua maioria, não devem ser atribuídas às determinações materiais como apregoa a medicina oficial, mas devem ser buscadas na ação dos maus espíritos que impregnam o corpo das pessoas que se distanciam das leis de Deus, dos bons pensamentos. Aqueles que não seguem os ensinamentos de Deus ficam vulneráveis à ação dos espíritos malignos, pois os protetores se afastam e o corpo fica exposto à ação das correntes.

A origem da doença deve ser buscada na alma e ser interpretada como algo que toma o corpo. Este se apresenta como mero receptáculo da ação dos maus espíritos e, portanto, a terapêutica deve incidir sobre os espíritos para que o corpo volte a ser sadio, pois da salvação da alma depende a saúde do corpo.

Galdino afirma que as doenças a maior força num é material, maior força é espiritual. Tem pessoas que tá doente pensa que uma doença é material e num é. Se a doença fosse tudo material, num tem que a medicina não cura: é é dá remédio, sara. Mas, quando a doença não sara pode saber que num é material. É difícil hoje quem num tá meio doente porque o povo que tem fé é muito pouco. O povo tá doentio por causa dos mau pensamento e tem doença que a medicina não cura por causa dos mau pensamento. No tempo que o povo pensava bem, o povo num ficava doente e hoje , na época que vem vindo, os mau pensamento atrapaia as

*peessoa, fecha as peessoa e elas fica doente. Os mau pensa-
mento forma uma corrente maginária em cima da peessoa e as
veiz a peessoa tã fechada, tã com o corpo amarrado, coisa
espiritualmente, as veiz tendo uma atração de magia, um
gorpe que faziam contra ele e é benzendo o corpo que fas-
tava aquele laço.*

*Para afastar os maus pensamentos e cortar a cor-
rente é preciso que seja uma peessoa que corte, tenha uma
força divina, cortã aquelas corrente maginária que tã en-
cima dele, ele precisa benzer, limpar o corpo, ele reveve
de novo. Então, nesse benzimento, fui trabaiano aqueles
espírito ruim, passava encorrentado pra lã num canto que
num atentasse mais e aqueles espírito que rependia pro la-
do de Deus dava luz pra ele suspendia no espaço.*

*A benzeção praticada por Galdino consistia em
rezas e gestos com as mãos porque o meu negócio é o pensa-
mento, uma firmeza de pensamento e rezar pai-nosso, ave-
maria porque é a reza que o Cristo rezava. Entretanto, quan-
do se fazia necessário realizar benzimentos coletivos em
virtude do grande afluxo de peessoas em busca da cura, Gal-
dino benzia os potes d'água que os doentes traziam con-
sigo.*

*Estar a salvo das doenças, desfrutar a proteção
divina é estar em graça com Deus, é ter bons pensamentos,
é seguir as pegada certa do Cristo, os mandamentos da lei
divina que para Galdino se encerram em dois: amar a Deus
sobre todas as coisa e amar o próximo como a mim mesmo e
todo ser vivente que inzizte porque quando falar todas as*

coisa é um passarinho, é um bichinho, a gente tem que amar pra seguir os 10 mandamento que se encerra em 2.

Portanto, a prevenção contra a doença depende de cada um de nós e aqueles que adoeceram devem buscar a cura na fé pois a fé é o maior remédio. É com a fé da pessoa que benze, então a pessoa vai ficando mais viva, vai desembrando. Se fosse que o benzimento não valesse, Cristo não benzia. O Cristo podia ser um médico de operação, mas ele não deixou num foi o benzimento? Por ele ter serventia, firme e quem seguiu certo os mandamento, as pegada certa do Cristo não adoece, mas quem não segue fica projudicado, a perseguição entra e fica num ponto que a pessoa num pode sair, num tem saída, ele fica entre a cruz e a parede e aí precisa benzer. Ele precisa ter a fé viva, porque a fé cura e todo mundo que seguiu aquela fé viva pra com Deus num precisa remédio não. A fé é o maior remédio, a fé constrói o mundo.

Deste modo, a salvação da alma que resulta na cura dos males depende da fé de cada um, da crença no poder divino porque se tiver fé sara, eu não curo ninguém, quem cura é Deus. Galdino segue o aforismo da medicina teológica que diz "eu te benzo mas Deus é quem cura". Ele se coloca como mero intermediário entre o povo e Deus porque eu vivo no meio do povo e todo mundo vê que sou iguarziinho os outro, mas só que tenho divoção e qualquer um desta terra que seguiu o Cristo, segue aquele mesmo ritmo e se entregar pro lado de Deus pode se entregar pra salvar os outro, e afirma que recebeu uma missão pra salvar os ir-

mão, as ovelhas que se afastaram de Deus e caíram em desgraça.

BENZEDOR - AGENTE POPULAR DE CURA

Como os benzedores, em geral, Galdino não se diz portador de poderes sobrenaturais mas acredita, unicamente, na onipotência divina e nos milagres da fé. "Sua pessoa nada vale e na oração e na fé está a virtude que consegue a graça da cura. Por isso, quando o paciente não crê, não tem fé, muito pouco o benzedor pode realizar. A fé que transporta montanhas é a condição essencial do sucesso. A oração, a reza, a benzedura, o meio de fazer chegar aos Céus o clamor daquele que sofre".⁴

Como aqueles que exercitam a medicina, ele se vangloria dos seus sucessos no combate às doenças: *personas iam em minha casa com toda doença, leproso, cheio de cancri, gente com mar de simioto, fogo selvagem, que já tinha passado na medicina, que tinha cansado de tomar remédio, chegava em casa benzia ele treis veiz saia são.* Por outro lado, a ineficácia das benzeduras no tratamento das moléstias não deve ser atribuída ao benzedor, mas ao paciente que não teve fé suficiente para levar avante o processo de cura.

A cura se apresenta como um dom outorgado por Deus a Galdino para aliviar os males daqueles que o procuravam. A descoberta do dom, em geral, está relacionada a

⁴Oswaldo Cabral, op. cit., p. 74.

um acontecimento forte na vida do benzedor. No caso empauta, ela se dá quando Galdino, em uma situação aflitiva, como relatada anteriormente, invoca a ajuda de Deus, tem seu pedido atendido e, em seguida, ouve uma voz que o orienta no sentido de retribuir às pessoas a graça recebida. Por outro lado, por ter sido criado no meio do benzimento, *porque minha mãe benzia, fazia benzimento leve em oriança de quebrante, lombriga*, a benzeção se fez presente na vida de Galdino desde a sua infância.

Ser portador de um dom, entretanto, não é suficiente para que o ofício da benzeção que o dom impõe seja legitimado. Faz-se necessário um processo de reconhecimento do ofício, de legitimação social de seu trabalho que se realiza na cura efetiva dos males e, portanto, na sua eficácia. "É necessário também que a própria comunidade onde mora e atua, partilhe com ele desse momento singular, é necessário que as pessoas queiram que tal dom exista... para que o benzedor possa, em contrapartida, oferecer - lhes uma visão fetichizada da sua vida e da sua própria imagem carregada de auto referências socialmente valorativas como as de ser sempre uma boa pessoa, de ser sempre solidária com os pobres, de não ser nunca preconceituosa, de possuir uma indiscutível fé em Deus".⁵

O processo de legitimação profissional tem caráter social e, segundo Elda Rizzo, atravessa diferentes estágios: o primeiro deles quando se dá a percepção do dom; em seguida, quando passa a acreditar no poder de curar e

⁵Elda Rizzo de Oliveira, op. cit., p. 39

se sente capacitado para tal e, finalmente, quando se inicia a prática terapêutica na comunidade local cuja eficácia é passada de vizinhos a conhecidos e o benzedor passa a ser procurado por indivíduos de fora da comunidade.

O benzimento se coloca como uma prática de cura cuja eficácia depende exclusivamente da fé do paciente para o sucesso do tratamento. É uma das alternativas de cura que a medicina popular propicia *mas benzimento tá cheio, mas é frajuto. Pessoa pagando imposto pra ganhar dinheiro e cobrando, fazendo cartamente pro povo. Isso não é benzi*mento porque Cristo quando andava no mundo num contava a vida de ninguém, sabia tudo e num contava, ele benzia a pessoa e falava 'com tua fé tu sarvou'. A benzedura era gratuita mas quando peguei a benzer e pegar a fazer enfeito num tinha este que num queria deixar um pouquinho de dinheiro. Eu num aceitava, mas eles deixava. Então, eu pegava aquele dinheiro que eu num precisava e dava tudo pros pobre.

Galdino acreditava na eficácia das benzeduras e nada administrava aos pacientes, somente os aconselhava a ter confiança nas suas benzeduras. Desta forma, não admitia ser chamado de charlatão "aquele que explora a credulidade alheia, com dolo preconcebido visando apenas o lucro, empregando os mais variados processos e os mais sutis artifícios para explorar a boa fé do próximo, certos entretanto, da ineficácia dos próprios métodos".⁶ Por outro lado, não admitia ser confundido com feiticeiro porque o

⁶ Oswaldo Cabral, op. cit., p. 71

meu trabalho não é feitiçaria. Eu só pratico o bem e sou contra o mal e reagia fortemente a qualquer insinuação de rezar para provocar malefícios eu sou contra o mal afirmava num quero que pratique o mal contra o semeiante. O meu benzimento é por Deus.

O benzedor transmite ao paciente uma concepção de doença e de cura que difere daquela apregoada pela medicina oficial. A doença é contraída pela ação dos espíritos malignos que se aproximam daqueles que se afastaram do estado de graça e, neste sentido, o benzedor delega ao paciente a eficácia ou não do tratamento. Enquanto uma das expressões da medicina popular, a benzeção restitui aos que nela acreditam a possibilidade de uma relação pessoal e humana de cura.

Destarte, a medicina popular difere da medicina do capital na concepção de saúde, doença, na maneira de lidar com a enfermidade e no papel atribuído ao paciente na sua recuperação. Esta passa por um processo de desencantamento, perceptível no afluxo cada vez maior de pessoas à procura de formas alternativas de curas como benzedores, rezadores, ervateiros, raizeiros, etc. Deste modo, desfaz-se a crença de que as pessoas não podem enfrentar a doença sem recorrer à medicina oficial.

O benzedor é um agente popular que provém das camadas populares e volta seu trabalho, primordialmente, para minorar o sofrimento da população despossuída. Ele trabalha em sua própria casa, por conta própria, determina seu tempo de trabalho, não submete nem tampouco se sub

mete a outros agentes de cura, não possui vínculos institucionais e o saber-fazer de seu ofício não é aprendido nos gabinetes universitários. A benzeção se apresenta como um ofício artesanal que persiste no interior do modo de produção capitalista.

O benzedor realiza a cura dentro de um duplo domínio: o da medicina popular e o da religiosidade popular. Neste sentido, retira das mãos do médico o monopólio da cura do corpo assim como priva os sacerdotes do monopólio da salvação da alma.

CAPÍTULO III

O PROCESSO DE DESENCANTAMENTO DO MUNDO

*O mundo burgues é laico e
profano, mundo desencanta
do e desse mundo desencan
tado os deuses se exilaram.*

(Marilena Chauí)

Faz-se necessário, conhecer a visão de mundo de Galdino e seus adeptos, suas linguagens, traçar um mapa das crenças e valores que os orientam e os desvalores que rejeitam, verificar como eles percebem a sociedade que os rodeia para entendermos como se desencadeia o processo de desencantamento porque passam Galdino e seus seguidores.

Entretanto, não é possível compreender a cosmovisão de Galdino e seu grupo sem atentarmos para a presença múltipla da religião que perpassa seu discurso porque o mundo do sagrado subsiste no mundo cotidiano do homem do campo e a religião liga o homem ao mundo do sagrado.

A religião atua, no palco da existência rural, como recurso de explicação e constitui suporte importante do modo de viver da gente do campo que tem uma crença profundamente arraigada na onipresença e onipotência divina

porque nós tem que compreender que nós tem um poder supremo acima de nós. Se a pessoa não acredita em Deus que deixou esta imagem nesta terra, então ela não conhece a si próprio, nem conhece o pai dele que criou ele.

A religião, enquanto catolicismo rústico¹, professada por Galdino e seus seguidores "não se limita a seus ritos específicos, mas, como fonte interpretativa está infiltrada em todos os segmentos da vida, de modo que por ela, em boa parte, o mundo se torna compreensível, habitável e humano"².

Dentro desta visão numinosa, práxis religiosa e vida campesina caminham juntas. A experiência religiosa se manifesta como forma de viver e "a religião, com seus atos devocionais e protetores reflete a experiência humana do povo"³. O homem do campo interpreta, pelo senso do sagrado, o mundo visível que se apresenta impregnado de forças sobrenaturais e o "visível e o invisível estão unidos e a cada instante a história do primeiro depende das influências do segundo que constitui sua principal fonte de luz compreensível e o fundo das significações humanas"⁴.

¹O termo rústico provem do latim *rusticus* — próprio da terra, do meio rural — e está presente nas obras de Antônio Cândido e Maria Isaura Pereira de Queiroz. O catolicismo rústico é uma das variantes da religião popular e, a nosso ver, é o termo que melhor se adequa para expressar a religiosidade professada por Galdino e seus seguidores.

²Bernardino Leers, Catolicismo Popular e Mundo Rural, Petrópolis, Vozes, 1977, p. 141.

³J. B. Libanio, O Problema da Salvação no Catolicismo do Povo, Petrópolis, Vozes, 1977, p. 67.

⁴Bernardino Leers, op. cit., p. 148.

RELIGIÃO POPULAR E UNIVERSO RURAL

Na esfera da religião popular, se sobressaem a preocupação com a doença e as maneiras de evitá-la. É através da doença que o homem percebe a fragilidade humana e para curar ou prevenir os males que afetam o corpo recorre à práticas religiosas.

Na medida em que a enfermidade é vista por Galdino como castigo divino, enviado por Deus para punir os que dele se afastam, a religião se apresenta como recurso para obtenção da cura. Ela promove o reencontro do paciente com Deus que permitirá a recuperação da saúde.

As curas das "doenças de Deus" são realizadas por mediadores humanos — no caso em estudo, por benzedor — mas, apesar da eficácia simbólica de suas rezas, gestos e orações quem garante a cura é Deus. Desta forma, a fé é indispensável para que a cura se efetive e é através dela que se chega a Deus e se obtém o perdão divino. A fé é uma virtude sobrenatural e está presente onde há aceitação de uma intervenção de Deus. Ela processa a união homem-Deus permitindo a recuperação do estado de graça e, por conseguinte, o restabelecimento da saúde.

Medicina e religião estão intimamente ligadas no universo da religião popular. A religião se manifesta como meio sacral de diagnóstico e cura e estes realizados por Galdino reforçam o liame religião-medicina. A religião, além de servir para aliviar o sofrimento dos que padecem de males físicos, serve também como orientação de conduta

de vida para desfrutar o estado de graça, sinônimo de saúde.

O universo da religião popular, enquanto catolicismo rural, é definido em termos morais e a moralidade camponesa tem na solidariedade (*a gente precisa lembrar que existe Deus e lembrar que existe o próximo*), na devoção (*O povo precisa têr divoção, ir na Igreja*), na caridade (*a gente precisa praticar a caridade e se eu tiver um cruzeiro no bolso e aquele ali precisar daquele cruzeiro eu tiro do meu bolso e dou pra ele*) e no respeito aos mais velhos (*a gente tem que respeitar os mais vêio, os fios tem que respeitar o pai, a mãe*) os seus principais valores.

A quebra do código moral resulta no castigo de Deus que recai sobre aquele que transgride os princípios que regem a vida no campo e *é difícil hoje quem num tá meio doente porque o povo num pensa uma coisa firme, uma coisa concreta pra com Deus, uma coisa de amor*. A justiça divina não é questionada; o indivíduo se responsabiliza por suas más ações e assume o sofrimento como provação de vida aos atos praticados.

A crença religiosa está diretamente relacionada à realidade social e a religiosidade que permeia a vida do trabalhador no campo pode ser explicada, em parte, por sua sujeição às forças da natureza sobre as quais ele não tem controle. "O catolicismo do campônio" no dizer de Ianni, "é muito mais um diálogo com a natureza sobre fecundidade da terra, a benção das chuvas, o ciclo das estações

ções, a boa colheita"⁵. Estes trabalhadores procuram na tradição religiosa a explicação dos fenômenos da natureza e, como estes são incontornáveis, eles recorrem às promessas, rezas e orações para prevenir desastres da natureza. É interessante salientar que nas áreas rurais, os festejos religiosos coincidem com as épocas de plantio e colheita e intentam buscar proteção para a lavoura e agradecer uma boa colheita. Segundo Brandão, "a religião para a cultura camponesa", é o melhor explicador de tudo justamente porque tem o recurso do mistério para justificar o que é difícil de ser explicado e, muitas vezes, o mistério é a melhor explicação"⁶.

Apesar da religiosidade professada por Galdino e seus seguidores se voltar para o catolicismo rústico, é de se notar a recorrência a práticas espíritas para exorcização dos maus espíritos e Galdino *afastava aquele encosto pra viver a pessoa porque as veiz era uma doença que a pessoa tava com o corpo amarrado, fechado, coisa espiritualmente, as veiz tendo uma atração de magia, um gorpe que faziam contra ele e é benzendo o corpo que afastava a aquele laço porque tem pessoas que trabaia feiticeiramente que as veiz massacra, as veiz o próprio semeiante. Então fui trabaiaando aqueles espírito ruim, passava encorrenta do pra lá prum canto que num atentasse mais e aqueles espírito que rependia pro lado de Deus dava luz pra ele, suspendia no espaço.*

⁵Otávio Ianni, "O Reino deste Mundo", Rio de Janeiro, Religião e Sociedade, nº 1, maio de 1977, p. 165.

⁶Carlos R. Brandão, Os Deuses do Povo, São Paulo, Brasiliense, 1980, p. 174.

Há uma aproximação à doutrina espírita, mas, apesar dessa duplicidade católico-espírita, Galdino e seus adeptos se definem como católicos. *Eu sou católico afirma ele puro católico. Nunca fastei, eu acredito nos mistério tudo e sigo os mistério divino mas dentro do catolicismo e esse meu povo é católico e minha Igreja é católica.* Eles se reconhecem como católicos subordinados à palavra do padre e ao domínio da Igreja Católica e isto se confirma ao mandar um povo meu na Igreja Católica em Rubinéia pra ser confessado do padre e assistir a missa porque eu não estou dizendo missa e o padre é que tem de dizer missa e tem que confessar o povo.

A religião popular caracteriza-se pela presença de leigos ou sacerdotes populares no dizer de Brandão, como estimuladores da vida religiosa. A ausência da presença efetiva de membros da hierarquia eclesiástica na área rural, como ocorre em Rubinéia que recebe a visita do padre, proveniente da paróquia de Santa Fé do Sul, apenas uma vez por mês, propicia o surgimento de lideranças religiosas leigas que emergem de "processo de divinização que se baseia numa vida exemplar, centrada na generosidade, na renúncia aos bens do mundo e no sofrimento assumido"⁷. *A minha vida diz Galdino, é uma vida de sofrimento, eu só pratico o bem e afasto o mal e o que eu recebia de esmola eu dava de esmola porque eu não posso gostar de dinheiro porque eu não posso fazer parte do dinheiro.*⁸

⁷Alba Zaluar Guimarães, "Sobre a lógica do catolicismo popular", Rio de Janeiro, *Dados*, nº 11, 1973.

⁸Entrevista concedida por Aparecido à *Revista Rádice*, ano 1, nº 4, p. 12.

A presença de tais lideranças significa que os dons de Deus não passam necessariamente pela mediação da hierarquia institucional. O líder religioso leigo faz-se a si próprio e constrói sua identidade sagrada na medida em que se aproxima do modelo divino: *bandonei meus negócios, bandonei minha vida e peguei firme com Deus. Tudo esta vida eu passei por amor de Deus e quem ama a Deus pode saber que ama o próximo e todo ser vivente e que o ser vivente tá na mão do próprio povo humano à semeiança do Cristo. Deus pediu pra ter união, amar sempre seu próximo como a si mesmo e zelar de tudo quanto é ser vivente. Matar a fome de quem tem fome, dá escola àquele que precisa de esmola. Então, esse caminho não é fácil, então fiz essa vida e todo sofrimento que veio eu pendí pro lado de Deus. Então esse é o ponto que a fé vale muito.*

A escola do sacerdote popular é a escola da vida, aprende-se enquanto vive e "não há escolas como na Igreja erudita, mas há redes sociais de docência. Dentro de uma ou ao longo de algumas, o futuro especialista religioso aprende enquanto vive o seu período de trabalho auxiliar"⁹. A sabedoria e a justiça assevera Galdino, não vem de leitura, mas de Deus.

O líder religioso leigo não cobra pelos serviços que presta (nunca Aparecido, durante suas atividades religiosas cobrou qualquer coisa para proceder os benzimentos)¹⁰,

⁹Cf. Brandão, *op. cit.*, p.159.

¹⁰ Depoimento de Alvino de Faveri, seguidor de Aparecido, prestado na Delegacia de polícia de Santa Fê do Sul. Autos do processo-crime movido contra Aparecido Galdino Jacinto, fls. 72.

o seu ofício soteriológico é exercido fora de qualquer instituição (*então eu peguei no fundo do meu quintar é um mangueirão de porco eu levava o porco, então eu benzia aquelas pessoa mais doente naquele capão de mamona*) e a legitimidade do seu trabalho é confirmada pela comunidade com a qual trabalha (meu pai foi curado por Aparecido e, em consequência, crêdulo dos poderes de Aparecido, passei a freqüentar a sua casa)¹¹.

Concomitantemente à benzeção, Galdino passou a reunir em torno de si algumas pessoas que, agraciadas pela cura, passaram a crer que ele era um enviado divino para regenerar o mundo que se encontra em processo de degenerescência. O depoimento de Antonio Teodoro, 68 anos, lavrador, analfabeto, atesta a crença na divindidade de Galdino quando afirma que "encontrando-se doente, mal podendo trabalhar, procurou Aparecido que passou a benzê-lo constantemente, fato que motivou pronta cura ao seu incômodo e que, curado, passou a acreditar piamente nos poderes divinos de Aparecido, passando daí a frequentar assiduamente a casa de Aparecido e que tornou-se grande admirador das idéias religiosas de Aparecido que sempre pregou a religião e, por conseguinte, a paz"¹².

O depoimento de Aguinéllis Elias de Paula, 42 anos, lavrador, analfabeto, também assevera que "tendo sarado de sua doença através dos benzimentos que recebia constantemente de Aparecido passou a frequentar a casa de Apa

¹¹ Depoimento de Braz Pedro Pereira, fls. 75.

¹² Autos do processo crime fls. 46.

recido e passou a crer que ele era um profeta, um enviado de Deus e que nas suas pregações só falava de religião e pregava a paz"¹³.

Galdino passou a realizar reuniões em sua 'igrejinha', — "um pequeno salão quadrado, paredes baixas, de barro, com uma tosca porta e dois janelões esconsos; um altar rudimentar suportava uma infinidade de imagens de santo da iconografia romana, alguns danificados, de estampas de São Jorge Guerreiro, de ex-votos e velas, muitas velas"¹⁴, — para divulgar que a humanidade caminha, a passos largos, para um processo de auto-destruição e alertava seus adeptos para a necessidade de trazer o povo de volta à religião, pois este afastamento do povo de Deus era o responsável por todas as catástrofes que vem ocorrendo na vida terrena *porque a época que nós vivemos é fim de época, é fim de século, a época tá cansada mesmo porque o povo não pensa uma coisa firme, uma coisa concreta pra com Deus, uma coisa de amor.* Galdino dizia a seus seguidores que eles "deveriam se unir em orações afim de se salvarem do fogo eterno que viria antes do ano 2.000"¹⁵ e pregava que viriam primeiro as guerras civis e, posteriormente, as guerras mundiais e que todos deveriam permanecer orando à fim de se salvarem do fogo eterno que viria, pois este aconteceria antes do ano 2.000.

¹³ Autos do processo, fls. 27.

¹⁴ Descrição feita por Alcides Silva, advogado de defesa de Galdino em memorial enviado ao juiz de direito da Comarca de Santa Fé do Sul, Autos do processo, fls. 534.

¹⁵ Depoimento prestado por José Ricardo da Costa, lavrador, analfabeto, 62 anos, Autos do processo, fls. 10.

A religião popular encontra ressonância na vida do povo e se volta para a vida aqui na terra. Neste sentido, é uma religião prática que, além de se preocupar com o aspecto vertical homem-Deus, preocupa-se também com a inserção do homem no ambiente concreto em vida.

O MUNDO ENCANTADO

Galdino afirma que *Deus deixou este mundo encan*tado de tudo quanto era coisa boa e deixou os bons pensa-mento para atrair coisas boa. Então Deus deixou este mun-do livre pro povo. Mandou o povo prantar, cada um faça da tua parte que ajudarei, disse. Então, o povo prantou até uns ano atrás coisas boa. O mundo correu bem e agora vem correndo meio forte porque o povo perdeu aquela fê em Deus. "A 'idade de ouro' do campesinato", observa Brandão, "ficou no passado e na roça. Aqui e agora todas as coisas são uma rêplica depravada da natureza, da sociedade e do sagra-do de um modo de vida primitivo e perdido, de tal sorte que todos os sinais de perda de poder, de respeitabilida-de e de condições de uma 'vida boa' (que nunca se confun-de com uma 'boa vida'), fazem parte da mesma história que cumpre a consequência de quebras de acordos adequados entre o homem e todas as coisas, acordos que as pessoas um dia estabeleceram entre si, com o seu mundo e com o sagra-do, e que perderam por conta dos seus próprios atos, ou por causa dos atos dos 'outros' homens"¹⁶.

¹⁶ C. R. Brandão, op. cit., p. 177.

As prêdicas de Galdino se baseiam no reconhecimento de sua experiência de vida e seu discurso se centra, essencialmente, no passado que fornece um padrão de vida e um modelo de ação humana. Há uma glorificação do passado que se faz sempre presente em seu discurso. O retorno ao passado, consubstanciado no uso freqüente de expressões como *naquele tempo que eu era menino, antigamente, tempos atrás que eu era moço* ou ainda *aquela época minha* não é uma recorrência nostálgica mas uma busca de identidade fundada em valores ético-morais. A lembrança do passado permite a crítica do presente, ao mesmo tempo que possibilita sonhar com o futuro. *Então, como eu digo, aquela época minha era uma época diferente da de hoje que vem caminhando. Então, o moral do povo aquele tempo era outro, a fartura era outra e era difícil comentar que via umas pessoa que num trabalhasse, sempre trabalhava.*

O Discurso sobre o Trabalho: Trabalho Urbano X Trabalho Rural

No discurso sobre o mundo encantado de Galdino, há uma valorização da atividade do trabalho. É pela atividade do trabalho que se dá a produção da vida e se o povo prantar, diz Galdino, *a terra produz e produzindo dá o pão da vida*. O trabalho possibilita ao homem transformar a natureza para produzir a vida material e as condições materiais da produção, o quê e como os homens produzem determinam o que os indivíduos são e "as imagens nebulosas no cérebro dos homens são sublimações necessárias do seu

processo material de vida, empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais"¹⁷.

O trabalho se apresenta para o trabalhador rural, enquanto produtor direto, como uma atividade estimulante, dignificante, agradável e enobrecedora. O trabalho no campo tem uma dinâmica própria, é regido pelo tempo da natureza (nascer e por do sol e estações do ano), o ritmo de trabalho é irregular e a noção de tempo de trabalho é dada pela "orientação ao que fazer"¹⁸. Por outro lado, além do trabalhador determinar seu próprio tempo e ritmo de trabalho, ele participa de todo o processo produtivo; do semear à colheita, vê o fruto do seu trabalho que lhepertence e a sua subsistência e a da família estão garantidas por uma produção que se volta, precipuamente, das mãos para a boca.

Galdino afirma que *antigamente tinha muita gente na roça. Inzistia como eu muita gente pra trabaia e então agora nessa época que nóis vem vindo já o povo tá quase maior força na cidade e tem muitas pouca pessoa na roça. Então, essa mocidade já não quer trabaia mais, pra trabaia tá um pouco difícil*. A recusa ao trabalho na cidade se dá porque o trabalhador urbano não tem o mesmo estímulo ao trabalho que o trabalhador rural — leia-se, produtor direto — que ainda detém os meios de produção que lhe asseguram a sobrevivência. Por sua vez, o trabalhador

¹⁷ Marx e Engels, "A história dos homens" em Florestan Fernandes (org.), Marx/Engels, São Paulo, Ed. Ática, 1983, p. 193.

¹⁸ Edward P. Thompson, Tradición, Revuelta y Consciencia de Classe, Barcelona, Editorial Crítica, 1979, p. 245.

urbano já foi totalmente expropriado das condições de trabalho que lhe permitam sobreviver e se vê obrigado a vender sua força de trabalho para subsistir, tornando-se mera capacidade viva de trabalho.

A "orientação ao que fazer" que norteia a atividade agrícola é substituída, na atividade urbana, pelo trabalho regulado pelo relógio, pelo tempo do patrão. O trabalho se apresenta fragmentado em parcelas e cabe ao trabalhador urbano executar determinada tarefa, inúmeras e repetidas vezes, que se torna uma atividade monótona, cansativa e desgastante. O trabalhador urbano perde a dimensão da totalidade da atividade produtiva e a ele não mais pertence o produto do seu trabalho. Trabalha-se por um salário que lhe permite reproduzir sua força de trabalho.

Desta forma, o trabalho na cidade se apresenta como uma atividade aviltante e desestimulante. Recusá-lo, *porque tem pessoas que já tã costumada ali na cidade, costumada a correr rua pra baixo e pra cima sem trabaia, nem trabaia num quer ir* demonstra a negação à subserviência inerente ao trabalho assalariado.

Trabalho e Espaço Familiar

O trabalho na roça — que predominava em tempos pretêritos na sociedade brasileira — se apresenta como uma atividade na qual colaboram pais e filhos. É o pai que introduz o filho no universo do trabalho e os sentimentos

familiares decorrentes da atividade laboral reforçam o lia me pais-filhos da família patriarcal, componente importante na cultura do homem do campo. A família constitui uma peça central na convivência rural e "um traço bastante comum é a função dominante e central do poder paterno. A estrutura de poder é vertical e autocrática concentrada no chefe da família"¹⁹.

A família patriarcal se expressa na autoridade e poder do pai sobre os filhos, na dependência econômica dos filhos frente aos pais e na atitude submissa dos mais jovens frente aos mais velhos pois "os mais velhos e experimentados mostram aos mais moços pela sua vida vivida, mais do que ensinam formalmente em teoria, como se devem comportar, o que devem fazer ou não, o que pode e não pode, seja na família e para com os vizinhos, seja no trabalho, etc."²⁰. Segundo Galdino, em sua época de menino, os pais diziam aos filhos: *ôia voceis num pode fazer arte pra num prejudicar o vizinho, pra num prejudicar o semeiante e pra num prejudicar a Deus porque Deus num gosta de menino arteiro. Então, era o que meu pai falava, ensinava n^{óis}, então era o que n^{óis} seguia.*

O respeito aos mais velhos é um dos valores que norteiam a vida do homem do campo mesmo porque *quem tem que ensinar são os mais grande, pai, mãe, aqueles mais v^{êio} quem tem que ver que precisa ensinar ao menor porque se não ensinar os menor s^õ tem que ir numa forma cada veiz*

¹⁹ Bernardino O. F. M. Leers, op. cit. p. 126.

²⁰ Idem, Ibidem, p. 128.

pior, as criança mandando nos pai e mãe como tá porque tem menino que eu vejo faz o pai falar como a mãe num falar num bedee, responde. A reverência aos mais idosos se manifesta, principalmente, através da bênção que se apresenta como um cumprimento respeitoso aos portadores e transmissores da cultura. Galdino observa que, em seu tempo de menino, quando parecia uma pessoa mais véio que eu, então eu era obrigado a tomar benção daquelas pessoa.

Na medida em que o chefe da família desloca-se para a cidade porque nesta época que nóis vem vindo já o povo tá quase maior força na cidade processa-se a separação casa (enquanto espaço familiar)/trabalho e os pai que podia ensinar os filho a trabaia já não pode mais ensinar a trabaia e os filho largados abeçamente e ficam atento da rua e se deixar criança no ôio da rua só tem que criar nessa forma que vai indo.

Desta forma, instaura-se a desagregação da família porque tem muitos pai que tem uma pernada de filho, a mãe saiu pra beira do rio, o pai veve de empregado e as criança tá um subindo no pé de uma laranjeira do vizinho, outro tá derrubando côco do vizinho e outro tá dando pedrada no povo ou nos passarinho. Os pai tá trabalhando e num sabe dos segredo dos filho que ficam fazendo folia. Então tem que corrigir essas coisa, tem que prestar atenção que a criança tem que ser ensinada de berço, dentro de casa. Então, pra chegar num ponto de corrigir essa criançada tem que corrigir os próprio pai e mãe pra ensinar seus filho porque sem ensino nada se cria. En-

tão, eu fui criado assim e toda criança que os pais ensinasse a trabalhar um pouquinho, então cortava um pouco a malandragem que produz que ela vem vindo. Então, naquele tempo que eu era menino, os filho tudo respeitava o pai, se ele tinha dado um servicinho pros filho podia ver que tava feito. Mas, os pai corrigia eles e os pais era corrigido de si próprio. Os pai também sabia que não podia tá errando demais pra os filho não sair errado. Então, agora desta época que nós temo é que a vida diferençou, diferençou bastante mesmo. Tem que ter uma justiça certa com os filho porque quando chega o pai em casa à noite, a mãe num fala, o pai num fala porque às veiz o pai tá sendo pior que os filho. Então, pra chegar num ponto de corrigir essa criança tem que corrigir os próprio pai e mãe.

O DESENCANTAMENTO DO MUNDO

O discurso de Galdino apresenta, por um lado, a realidade presente como enferma na qual se instalou a desarmonia, a disconcórdia entre os casar porque pouco tão combinando os casar; as criança vem brotando as fera entre as criança. Então é o ponto que chegou a terra. Então o Cristo profetizava essas coisa. Então ia chegar um tempo de muita desarmonia, muita fome, peste, guerra, então é o ponto que vem vindo devagarzinho, cada dias pior, cada dias pior até a chegada do ano dois mil. O aperto é certo. Não vê que tá brotando tanta dificuldade, tanto roubo, tanto crime, tanta trombada, tudo quanto é castigo tá aparecen-

do. O povo ficou desinquieto, andando pra baixo e pra cima e num tem negócio que preste e ninguém tá contente com que possui. Pode tá cheio de dinheiro que ele num tá contente, ele se apincha as veiz numa dereção do carro pra morrer.

Esta 'rotagem' diferente acontece, segundo Galdino, porque a existência foi destituída de seu caráter sagrado pois o povo perdeu a fé em Deus e os dia que a pessoa perdesse aquela fé de Deus entra e desarmonia, a discórdia nas casa, o mau ensino, então chega num ponto que a pessoa tem bastante enducaçáo e leitura mas num tem instrução de berço.

Por outro lado, Galdino apresenta uma proposta de saúde que é readquirida pelo retorno às coisas de Deus e então o povo neste mundo tem que viver de fé, alembrrar que existe Deus, então o povo diquire harmonia. A saúde (salus), a salvação é a grande meta da religião e se manifesta na resistência à ordem presente, opressora e injusta. Assim, a perspectiva escatológica da salvação realizar-se-á quando os homens construírem cá na terra o reino existente nos céus.

O desapego à religião, a recusa ao apelo à transcendência, a des-sacralização dos valores religiosos levou o homem a assumir uma existência profana. O homem profano resulta do processo de secularização que levou à dessacralização do mundo e a "condenação do sagrado era exigida pelos interesses da burguesia e o avanço da secularização, e com o triunfo da burguesia Deus passou a ter problemas habitacionais crônicos. Despejado de um lugar, despejado de

outro... progressivamente foi empurrado para fora do mundo".²¹

Confinado aos Céus, Deus passa a ter o seu lugar na terra ocupado pela razão. A existência, despojada do seu caráter sagrado, passa a ser explicável pela razão técnico-científica "razão que procura eliminar todo encantamento do homem e do mundo para reduzi-lo a um esquema mecanicista cujo funcionamento cada dia é melhor conhecido".²²

²¹Rubem A. Alves, O que é Religião?, São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 50.

²²J. B. Libanio, Evangelização e Libertação, Petrópolis, Vozes, 1976 , p. 110.

CAPÍTULO IV

A CONSTITUIÇÃO DA FORÇA DIVINA - CRIME E CASTIGO

Sempre que um povo é apartado da ação e da realização, sempre que esses laços naturais com o mundo comum são rompidos ou não existem por um motivo ou outro ele tende a voltar-se para dentro de si mesmo, na sua elementaridade nua e natural, e a alegar divindade e uma missão de redimir a Terra.

(Hannah Arendt).

O processo de desencantamento que Aparecido e seu grupo experimentam conduz a uma crise geradora de desidentificação e desenraizamento de seus valores que desestrutura, profundamente, o modo de vida dos mesmos. A crise, no episódio em estudo, se configura quando a familiaridade do cotidiano dos rubineenses, a maioria constituída de trabalhadores rurais que viviam do cultivo da terra, entra em colapso com a chegada à Rubinéia, em 1970, do "pessoal da CESP" — empresa responsável pela construção da barragem de Ilha Solteira, assim como pela destruição da cidade — que dá início ao processo de indenização e expulsão da população. O universo rural, em que grande parcela dessa gente vivia, regido por relações pessoais, laços de solidariedade,

cooperação, vizinhança e parentesco sofre um profundo abalo com a dispersão das pessoas que se mudam para outras plagas.

Obrigados a sair do seu habitat, os moradores de Rubinéia passam a habitar a esfera da incerteza e da insegurança. O processo de transformação do espaço vital, desenraizando pessoas e famílias do universo cultural em que cresceram e viveram, joga-os numa verdadeira crise de identidade.

A chegada à Rubinéia do projeto "Nação-Potência" — orientado para construções megalômicas — consubstancia do na construção da barragem que faz desaparecer a cidade, fecha o caminho à produção e reprodução da existência dos seus habitantes que viviam do cultivo da terra. A desaparecimento da cidade leva os pequenos produtores a perder o acesso à terra ou a empobrecer-se enquanto proprietários, gerando destituição e miséria. Por outro lado, prescindindo da sua força de trabalho, a construção da represa gera a exclusão dos produtores diretos e "miséria, destituição e exclusão colocam-se, pois, de um lado, como fruto das transformações e do outro, como ingredientes fundamentais à gestão dos movimentos".¹

Entretanto, para que o movimento de cunho messiânico aconteça, faz-se necessário, segundo Consorte, que dois novos processos ocorram, quais sejam: a assunção da exclusão e sua transfiguração em eleição por parte dos atingidos pelas transformações. Por sua vez assumir a exclusão e transformá-la em eleição, depende da mediação de um líder, um "enviado divino" saído do próprio meio, que capta

¹ Josildeth Gomes Consorte, "A Propósito de Movimentos Messiânicos: Alguns Pontos para Discussão", mimeo, outubro de 1970, p. 2.

as transformações em curso e as traduz para dentro do campo religioso. O líder serve de canal para as revelações divinas que orientam a ação para as mudanças. Cabe a ele trazer os homens de volta à religião promovendo o reencontro do homem com o divino que proporcionará a eleição daqueles a viverem na "terra sem mal", lugar de eterna felicidade.

As transformações vivenciadas por Galdino o faziam crer que o mundo caminhava para um processo de auto-destruição e a crise que se delineava representava a idéia apocalíptica em que os sinais dos últimos tempos eram dados pelas mudanças trazidas pela construção da barragem. Era preciso salvar a humanidade do fogo eterno que, segundo suas profecias, viria antes do ano 2.000 e sua missão de remir os homens se fazia agora cumprir.

Face à decrepitude da vida presente, Galdino e seus prosélitos alimentavam a esperança de uma recriação do mundo. Desta forma, o "fim do mundo" que eles proclamavam não significava que o mundo ia acabar, mas que teria um novo começo e a virada do século é o marco de referência para a instalação do milênio que será precedido por um período de tribulações, privação e sofrimento. Assim, o projeto milenarista que eles abraçam combina catástrofe e redenção.

CONFLITO COM A POLÍCIA DE RUBINÉIA

A benzeção praticada por Galdino não era bem vista por alguns membros da comunidade rubineense que acredi

tavam estar o mesmo praticando feitiçaria e charlatanismo e a perseguição ao benzimento vinha se acirrando desde 1965, quando ocorreu o primeiro incidente com as autoridades locais. Quando chegou ali em 1965 relata Galdino, o delegado do lugar, Juca Turasa, achou que cresceu demais aquele povo, ele num compreendia e deu em cima. Ao ser interpelado, Galdino respondeu ao delegado que não podia parar o benzimento porque isso num é pra mim, porque eu recebi essa missão pra trabaia. Eu num tô ganhando dinheiro e num tô fazendo mal, só tô fazendo bem e zelando do povo tudo, material e espiritualmente, num tô contra ninguém.

O encontro com o delegado local resultou em 4 dias de cadeia em Jales por desacato à autoridade, por Galdino ter revidado agressão desferida por um dos soldados que acompanhavam o delegado. Assim ele nos relata: Eu peguei a conversar com esse delegado e tinha 2 sordado e tinha um sordado bastante marcoriado. Eu conversando com o delegado, ele chegou e disse pra mim assim: — Cala a boca! E eu disse: — Não, cala boca não porque eu tô conversando com o home aqui. Ele pegou e deu um coice na minha canela e eu então empurrei ele pra lá e ele deu uma gravata em mim. Então, chegou o outro sordado e juntaram e me levaram pra cadeia.

A partir daí, começou a perseguição dentro do benzimento. Ao retornar da prisão tinha muita gente esperando pro benzimento, mas a polícia ficava de ôio se eu ia benzê. Fiz uma casa no fundo pra moradia e a casinha que eu morava fiz aquela igrejinha bem arreboçada de barro. Gal

dino que até então praticava os benzimentos numa igrejai nha que ele mesmo construiu, passou a benzer as pessoas no fundo do meu quintar pra num desobedecer otoridade pra mor deles num falar tã desobedecendo nóis.

Galdino começou a se preocupar com o afluxo ca da vez maior de pessoas em busca de cura, o que lhe acarretavava constantes advertências do delegado local que achou que cresceu demais aquele povo, ele num compredia e deu em cima. Por esta razão, decidiu se afastar de Rubinéia por algum tempo pois todo o dia o aperto de gente era bastante e então vi que num dava pra ficar em Rubinéia. Vieram me buscar um povo de Urânia pra eu descansar um pouco.

Em Urânia onde eu ia o mortidão tava acompanhando. Então, resorvi ir pra Fazenda do Japonês do Córgo do Fandango, pra lá de Urânia que é quase entremeio Jales e quando cheguei já tinha mortidão esperando, num dava pra ficar. E fui pra outra fazenda. Chego na outra fazenda, aquela mortidão atrás, charrete, trator, caminhão tudo acompanhando atrás. Pra benzer aquele povão num dava pra benzer de um por um, então resorvi benzer esse mortidão de gente reunido. Benzi 3 barde de água e disse pra cada um encher uma garrafa d'água e levar pra sua casa porque é válida a mesma coisa. Oiei pra trás tinha muita gente e pensei que aqui lo ia formar confusão entre as otoridade que eles ia pensar que é uma revolução que tá aí. E se eles vem vai dar seu jeira. Vou vortã pra trás.

Ao retornar a Rubinéia, tava mortidão na Rubinéia esperando. Eu não podia benzer na Rubinéia porque otorida-

de num queria dar ordem pra benzer. Então desobedeci otori
dade. Fui obrigado a benzê porque mortidão era muito, num
guentava porque eles não saía de perto de mim e peguei a
benzê, fui benzendo.

Após um certo período de calma no relaciona-
mento com o delegado de Rubinéia, Galdino sofre uma nova adver-
tência, desta vez acusado de dar continuidade ao trabalho de
feitiçaria ao que ele rebateu alegando que não é feitiçaria
porque eu sou contra o mal, num quero que pratique o mal contra
o semeiante. O meu benzimento é por Deus, não é por mim. Sou mar-
cado pra benzer o povo. Fosse por mim eu tava lutando com cria-
ção, lutando com boi, não saía dos meus negócio.

Apesar das constantes advertências da polícia lo-
cal, Galdino acreditava que eles não é contra o benzimento
porque no meio da polícia tinha muita polícia no benzimen-
to, mas apenas, sabe o que? É que forma confusão, muita gen-
te não sabe o que vai formar aquilo, pega a apertar. Então
eles tem o direito de encorrigir, vê o fundo daquilo. Eles
não é contra mas é obrigado a ser, obrigado a agir. Mas con-
tinuou muita gente da justiça sempre se benzendo também.

Galdino continuou benzendo e depois que eu en-
trei dentro da minha casa eu fiquei 8 anos que nem o povo
de Rubinéia me conhecia e quando eu peguei no benzimento
eu tinha das viagem minha, eu tinha um fundo, eu tinha uma
chacrinha que tinha comprado e tinha muito animais, tinha
alguma coisa, tinha meus filho que trabalhavam um pouqui-
nho. Mas, quando eu peguei a benzer e pegou a fazer enfei-
to num tinha este que num queria deixar um pouquinho de di-

nheiro. Eu num aceitava mas eles deixava. Então, eu pegava aquele dinheiro que eu num precisava e dava tudo pros pobres.

Além do dinheiro que algumas pessoas agraciadas pela cura deixavam, outras traziam mantimento como forma de agradecimento pela cura recebida. E, então uns dia eu peguei a fazer aquele povo, trazia arroz, trazia de um tudo. Eu mandei fazer um barracão e pus 3 tacho a cozinhar. O que eles trazia eles mesmo comia. E tinha muita gente. Então, fiz a mesa sagrada. Reuni o povo tudo naquela harmonia pra comer unido. E aquela união. E as criança eu fazia as criança comer numa vasilha, as veiz 4, 5 menino numa vasilha sô, numa bacinha pra comer com aquela harmonia, sê amigo um do outro. Galdino procura aproximar as pessoas através da comida que, neste contexto, simboliza a união e a harmonia que devem existir entre elas.

A desunião, a desarmonia e a discórdia que perpassam a sociedade atual são vistas como sinais de turbulência dos tempos que anunciam a chegada do milênio. Entre as transformações em curso, Galdino destaca as que se processam no interior da Igreja Católica que profanam o espaço sagrado e propõe recuperar a sacralidade da Casa de Deus enviando seus adeptos à Igreja de Rubinéia, que resulta no estremecimento das relações de boa convivência mantidas entre Galdino e a Igreja local.

INCIDENTE COM A IGREJA DE RUBINÉIA

Ao se iniciar o ano de 68, novo incidente ocor-

re com Galdino e seus seguidores, agora não mais com a polícia de Rubinéia, mas com a Igreja local. Assim ele nos relata: *Então, uns dia eu resorvi tirar umas 60 pessoa do meio do benzimento e mandei na Igreja Católica em Rubinéia pra eles confessar com o padre que tinha chegado lá naquele dia porque era domingo e o padre vinha uma vez por mês de Santa Fé e ir na missa porque esse povo é católico, porque eu sou católico e a minha Igreja é católica. Só que eu mandei o povo, mas mandei normal porque eu vi que tava entrando dentro da Igreja o povo inormal, que parecia a roupa meia fora que não podia tá na frente do altar. A roupa já tá, como dize, um pouco curta e, as vezes ia com muita pintura, com muita coisa.*

A Igreja para Galdino é o espaço do sagrado onde reina a pureza e, por conseguinte, os fiéis devem lá se apresentar "normal", "puro". No universo simbólico de Galdino, a pureza é representada pelas vestes que os fiéis trajam no interior da Igreja e, segundo ele, o povo não mais respeita a morada divina lá se apresentando em trajes mundanos que profanam a Casa de Deus. A Igreja, por sua vez, ao acompanhar as transformações que se processam na sociedade — que, continuamente, des-sacraliza os valores e comportamentos religiosos — permite comportamentos profanos no interior do templo sagrado.

Ao enviar os seus adeptos à Igreja com trajes "normais", ele se propõe a resgatar a sacralidade da morada divina. *Então fui ensinando que tinha que entrar normal e mandei fazer roupa comprida, normal. As muiê vêia saia azur*

escuro e blusa branca. As saia da moça, azur claro e as blusa branca, e os v^êio azur escuro a carga e as blusa branca também. Dos moço, carga verde e blusa branca. Mandeí meu povo pra eles confessar com o padre e ir na missa pro padre ver que roupa também tinha que continuar nas Igreja porque a lei de Deus tem que andar normal, puro na frente do artã, tem que ser bastante puro.

O padre não recebeu os adeptos de Galdino o padre num achou b^ão, num achou b^ão de jeito nenhum e o padre deu parte na polícia de Santa F^é, veio uma caravana de 10 sordado, guarneceu a porta da Igreja e num deixou um povo meu entrar dentro da Igreja. Galdino atribui a recusa do padre em receber o seu povo porque ele via o meu serviço de benzimento chegava pessoas amarrado e saía s^ão, ele pensava que eu era espiritista, mas eu não sou. Afastava aqueles encosto pra viver a pessoa, pra não deixar morrer com aquilo, mas eu sou católico, puro católico. Nunca fastei, eu acredito nos mistério tudo e sigo os mistério divino, mas dentro do catolicismo. Mas, a Igreja Católica se a gente trabaia com o espiritismo ela não gosta e a própria bíblia parece que não aceita, mas tem que pensar que quando o Cristo andava no mundo ele deixou a bíblia e a bíblia é espiritual do fundo, do princípio dela. Então o Cristo ele não benzia o povo, não expulsava o demônio, não prendia o Sata n^ãs?

Cabe salientar que a representação do catolicismo tridentino em Rubinêia não aceita as formas populares de religião, o que, explica a Igreja local se fechar em si mesma.

Após o incidente aquele povo vortou pra minha casa e eles (a polícia) me chamaram pra Santa Fê. Fui obrigado a vir, com a polícia e juntô todo o meu povo lá. Sô muiê que não veio, mas os homem veio pra Santa Fê. Chega em Santa Fê, o delegado não tinha saída de falar comigo se eu tava fazendo o bem.

Ao ser interrogado sobre as razões que o levaram a enviar seus adeptos à Igreja local, Galdino respondeu que mandei porque meu povo tá dentro da religião. Mandei porque o padre tem que confessar o povo e mandei esse povo pra ser confessado do padre e assisti a missa sô que nunca mandei o povo pelado, mas mandei normal pra eles assisti a confissão do padre porque eu sou católico e minha Igreja é católica. Mas sô que eu não estou dizendo missa e o padre é que tem de dizer missa e tem que confessar o povo. Por isso eu mandei na Igreja e o padre num achou bão. Num achou bão de jeito nenhum.

Depois de inquirido pelo delegado que pegou em termos de ver alguma coisa, balancear alguma coisa, num balanceou nada, a autoridade policial resolveu encaminhá-lo para o hospital de Santa Fê do Sul. O negócio do médico relata Galdino sô me perguntou quanto tempo eu morava ali, se eu tinha alguma coisa, e eu expliquei que tinha chácara, fazia muito tempo que eu morava ali, fui fundador dali e depois ele perguntou por que eu mandei aquele povo na Igreja Católica. Eu respondi e ele mandou eu embora.

CONFLITO COM A CESP

As molestações a Galdino tornaram-se mais frequentes a partir de 1970, quando recrudesceu a vigilância por parte das autoridades policiais sobre o benzimento por ele praticado em virtude do crescente afluxo de pessoas em busca de cura. Entretanto, ao afirmar que *eles queria correr comigo e eu não podia correr, num podia bandonar mortidão; eu tinha que ser preso mas num bandonar*. Galdino não ignorava que a repressão se articulava para por fim à benzeção, por ser ela a responsável pela aglomeração humana em torno dele.

Importa salientar a inexistência de atrito entre Galdino e o chefe do executivo municipal de Rubinéia, atestado pelo depoimento do prefeito da época, Rubens Massaros, quando afirma que "durante os quatro anos em que foi prefeito, Galdino sempre foi um homem pacífico e calmo, trabalhador e honesto e bom pai de família; Galdino nunca criou casos ou foi violento, ouviu dizer que Galdino curava pessoas e que nunca viu Galdino dar remédios ou receitar remédios e que via sempre muita gente frequentando a casa de Galdino, contudo nunca o viu benzendo pessoas."²

O novo incidente que ocorre, desta vez entre Galdino e a CESP teve início quando a empresa o procurou para indenizar sua propriedade, posto que a área por ela ocupada seria inundada pela barragem de Ilha Solteira. Entretanto, ao se exigir a certidão de pagamento de impostos para

²Autos do processo, p. 508.

avaliação da propriedade, ele afirmou que não a possuía por ser a terra dom de Deus e ela foi deixada pro povo plantar pra viver e, portanto, não há que se pagar imposto pelo que a Deus pertence.

A partir daí, Galdino afirma que o pessoal da CESP queria correr comigo e, quando então formou o negócio das barragem e o povo então pegou a arrancar aquelas casa da Ilha Grande, em termos deles ponhar num canto eles despejava na frente da porta da minha casa. Então, pegou a jogar aquelas madeira e foi indo até que chegou num ponto quando então chegou um rapaz da CESP e então chegou com um caminhão de madeira e foi jogar na porta da minha casa. Eu peguei e falei pra ele: — Óia, você pega esse caminhão e num joga mais na porta da minha casa. Então, dali formou aquela confusão, eu vi que tava pertado porque eu ia parti pra ingnorança e eu não podia parti pra ingnorança. Então, formei aquele exército, vesti aquela túnica naqueles que tinha fê, os que não tinha fê eu não vesti e falei: — porque vem as coisa encima e num é pra ninguém brigar com a polícia, é pra compreender que esse benzimento precisa ser guarnecido. Se num tem guarnição, como eu posso trabaia? Num posso trabaia.

A FORMAÇÃO DA "FORÇA DIVINA"

A crise de identidade que eclode com o início da destruição de Rubinéia levou Galdino a idealizar a formação de um grupo seletivo de pessoas de fê para que ele pudesse dar

continuidade a seu trabalho de benzedor, assim como continuar as pregações sobre a necessidade do povo se voltar para Deus e a religião para poder se salvar das desgraças que se aproximam da vida terrestre. Assim, *construí o exército porque não podia trabalhar sem guarnição. A roupa foi feita, o vestuar, porque mais ou menos eu previ que ia acontecer. Então esse balanço dessa roupa é o acontecimento que vem vindo. Fiz essa roupa pra o povo analisar que é verdade.*

Por outro lado, a constituição da "Força Divina" se deu porque "viria acontecer guerras civis e posteriormente guerras mundiais e que eles tinham por missão orar a fim de se salvarem do fogo eterno que viria antes do ano 2.000³ e todos aqueles que estivessem no exército seriam salvos⁴ e assim permanecendo juntos, rezando e fardados eles estariam livres dos males do fogo eterno.⁵

Galdino ideou fardas de cor verde para solteiros e mais moços e azul para casados, viúvos e pessoas de mais idade, que foram confeccionadas por suas adeptas, Teresa e Maria de Lourdes Ferreira. "A blusa do uniforme tinha 2 bolsos na parte superior, um de cada lado do peito, e uma dobra em cada ombro e na lapela bordado o nº 1B (1º Batalhão) nas fardas verdes e 2B nas de cor azul e o nº de ordem do uniforme"⁶ "porque havia hierarquia indo de soldado a tenente".⁷

³Depoimento prestado por Arlindo Pedro Ferreira nos Autos de Qualificação e Interrogatório. Processo crime movido contra Galdino, p. 31.

⁴Depoimento prestado por Francisco Lopes, *idem*, p. 34.

⁵Depoimento prestado por Pedro Luiz Marques, *idem*, p. 63.

⁶Depoimento prestado por José Ricardo da Costa, *idem*, p. 5.

⁷Depoimento prestado por Aguinellis Elias de Paula, p. 27.

Além da farda, os integrantes da "Força Divina" usavam um "quépi tipo bico-de-pato com emblema bordado constituído de uma espada e um relho de 3 pontas".⁸ A utilização de rebenques que os adeptos (somente os homens) possuíam "só seria autorizada por Galdino em caso de agressão por parte dos infiéis, isto é, pessoas que não acreditando nas idéias religiosas de Galdino quisessem agredi-lo e a seus seguidores".⁹

As pessoas aptas a vestir a farda eram pessoas das mais pobres, daquelas que saíram no benzimento, que viviam doentes. Escolhi aqueles que tinham um pouco de fé para poder acompanhar. As pessoas eram escolhidas por mim mesmo que eu chegava no meio do mortidão eu tiro as ovelhas que estavam seguindo direito e nesse mortidão eu escolhi 14 homens e 2 moças que resistiam na fé e, óia, que me acompanhavam num era 14 homens não, era para mais de mim e eu achei 14 homens para fardar. Tinha pessoas dentro do benzimento de muita coragem se ofereciam para vestir a farda e eu falava: — não, mas você não pode vestir porque você vai brigar com a polícia e eles vão acabar te matando porque você entra pela atração contrária, a atração do mal e vai pro brejo. Tem que ficar firme com Deus, você não serve. Então, esse povo que me acompanhava é o povo de mais fé que tinha dentro desse mortidão de gente.

A "Força Divina"¹⁰ era composta pelos irmãos Fer-

⁸Depoimento prestado por Antônio Teodoro, p. 49.

⁹Depoimento prestado por João Pedro Ferreira, p. 51.

¹⁰Veja, em anexo, tabela sobre a composição da "Força Divina".

reira (Francisco Pedro, Braz Pedro, Arlindo Pedro e João Pedro); pelas irmãs Teresa e Maria de Lourdes; por Pedro Luis Marques e seu irmão Lázaro Luis; por Atáide Luis (filho de Lázaro), Ermínio Viêto Viana, João Batista dos Santos, José Ricardo da Costa, Aguinellis Elias de Paula, Antonio Teodiri e Alvino de Faveri. É de se notar a presença de membros da mesma família na composição da "Força Divina", que é uma característica comum aos movimentos de natureza messiânica.

A idade média dos adeptos da "Força Divina" era 34 anos, variando de 16 a 68 anos de idade. Quanto à escolaridade, a metade de seus integrantes era analfabeta; quatro não freqüentaram escola mas assinam o nome; dois declararam saber ler e escrever e dois partícipes afirmaram ter o primário incompleto.

No que tange à atividade profissional, as duas integrantes se dedicavam à prendas domésticas; dois adeptos trabalhavam em serviços braçais como diaristas na zona rural e os doze restantes eram lavradores. Onze dos integrantes eram solteiros, dois viúvos e os demais eram casados.

Duas fortes razões levaram as pessoas acima arroladas a integrarem a "Força Divina" sendo a principal delas a cura efetiva através dos benzimentos de Galdino de doenças como "estado de nervo que minha mãe sentia"¹¹, "minha vista andava doendo"¹² ou "um ferimento que meu irmão Anto

¹¹ Depoimento prestado por Ermínio Viêto Viana, p. 300.

¹² Depoimento prestado por José Ricardo da Costa, p. 10.

nio cortou-se com um desses instrumentos utilizados na colheita de arroz"¹³ e até "úlceras, dor nas costas e hérnia".¹⁴

Por outro lado, Lázaro Luiz Marques afirma nos autos do interrogatório que "tendo mudado de Brasitania com sua família para Rubinéia há mais ou menos 3 meses onde existia serviço mais facilmente e alugando uma casa na Vila Maria, perto da casa de Galdino e que como o interrogando bem como sua família sempre foram muito devotos começaram a frequentar a casa de Galdino onde iam rezar... freqüentando a sua casa simplesmente por devoção... e que nas reuniões em que assistiu na casa de Galdino somente ouviu pregações do mesmo no sentido religioso e que o mesmo sempre falava da prática do bem... e que o interrogando bem como os demais que acreditam nos poderes de Galdino o seguem e o têm como líder porque acham que o mesmo só pratica o bem e tem poderes sobrenaturais".¹⁵ É na mesma tônica que Ataíde Luiz Marquez (filho de Lázaro) declara sua adesão às crenças religiosas de Galdino "que embora não estivesse doente, nem qualquer de seus familiares, passou a frequentar a casa de Galdino onde reuniões eram freqüentemente realizadas e que das visitas à casa de Aparecido passou a acreditar piamente em seus poderes sobrenaturais, tornando-se pouco tempo um seu fiel seguidor".¹⁶

¹³ Depoimento prestado por Alvino de Faveri, p. 72.

¹⁴ Depoimento prestado por Pedro Luiz Marques, p. 63.

¹⁵ Depoimento prestado por Lázaro Luiz Marques, p. 55.

¹⁶ Depoimento prestado por Ataíde Luiz Marques, p. 72.

Deste modo, o benzedor Galdino atraiu para si várias pessoas agraciadas com a cura de seus males, assim como o pregador Galdino que em suas prêdicas "sô falava sobre o bem e Deus"¹⁷ levou um contingente de pessoas a crer que ele tinha poderes sobrenaturais. Por outro lado, a cura aliada às pregações como demonstra o depoimento de seu adepto João Pedro que afirma que "através dos benzimentos Galdino o curou de uma enfermidade que padecia e em vista disso e assistindo ainda as pregações feitas por ele achou que o mesmo tinha forças sobrenaturais sendo enviado de Deus como profeta"¹⁸ fizeram com que diversos indivíduos passassem a crer que Galdino era o "profeta das águas" enviado para remir os homens. "Galdino tem realmente poderes que se relacionam com os céus" atesta o depoimento de Lázaro Luiz Marques "já que o que tem feito assim o prova".¹⁹

É interessante ressaltar que os integrantes da "Força Divina" eram provenientes de cidades vizinhas à Rubinéia como Brasitânia, Três Fronteiras, Santa Rita D'Oeste, Santo Antônio D'Oeste e, com exceção de Alvino de Faveri que já residia em Rubinéia quando o irmão se acidentou e Lázaro e seu filho Ataíde que mudaram para Rubinéia em busca de trabalho, os demais fixaram residência em Rubinéia para ficarem mais próximos de Galdino.

Como líder espiritual da "Força Divina", Galdino era "a típica figura do messias rústico: cabelos longos,

¹⁷Depoimento prestado por João Pedro Ferreira, p. 51.

¹⁸Idem.

¹⁹Depoimento de Ataíde Luiz Marquez, p. 72.

lisos, já nevados, que escorriam ombros abaixo desalinhadamente; os minúsculos olhos, de um castanho claro, sem brilho, quedavam-se misticamente parados no espaço, fitando o vazio sobranceiramente; a barba grisalha, de oito anos de desleixo e o vasto bigode russo emolduravam os lábios finos de uma boca pequena. A voz grave e soturna, cavernosa até nos instantes da revelação de sua crença, abemolava-se ao irritar-se com os problemas domésticos. Trajava uma túnica branca, ornada ao peito com enorme crucifixo. Movia-se lentamente arcado, como se em permanente êxtase de uma visão interior do ser divino".²⁰

Galdino figura para seus prosélitos como "um profeta"²¹ que proporcionará a salvação à comunidade de seus fiéis através da regeneração dos mesmos, que se dará por uma conduta de vida voltada para as coisas de Deus. O processo de regeneração dos homens é visto sob uma ótica mítica, um almejoamento mítico da vida dos céus cá na terra.

A "eleição divina" de Galdino é demonstrada por sua conduta de vida exemplar que se pauta pela renúncia aos valores de utilidade terrena, destacando-se, entre outros, a recusa ao dinheiro pois *o que eu recebia de esmola eu dava de esmola porque eu não posso fazer parte do dinheiro*.

²⁰ Descrição apresentada por Alcides Silva nos autos do processo, p. 534.

²¹ A nosso ver, Galdino é mais que profeta, posto que não se limita a se ocupar de coisas sagradas, preocupando-se também em resolver os problemas que afligem o cotidiano dos que nele crêem; e é, por outro lado, não só um homem extraordinário, como também um homem que surge em situação extraordinária, quando se configura um processo de crise. Quando o universo em que vive ameaça romper-se, ele desponta com uma aspiração profunda de transformação da vida presente num futuro iminente.

A autoridade de Galdino é indiscutível e "todos os seguidores de Galdino são obedientes às suas ordens, aos seus conselhos e ensinamentos porque o consideram pessoa de poderes sobrenaturais".²² As ordens que ele dita a seus seguidores são rigorosamente cumpridas visto serem as mesmas de origem divina pois "tudo o que ele faz ou manda fazer é por ordem de Deus".²³ Para seus adeptos, "Galdino é um líder e tudo o que eles fazem é em cumprimento às ordens dadas por Galdino porque acreditam que ele seja uma pessoa que goza de graças e enviado de Deus".²⁴

A liderança exercida por Galdino se deve, em parte, à sua experiência de vida mais rica e diversificada que a de seus seguidores — formador de fazenda de café, "guarda" de fazenda, integrante das fileiras da polícia, pequeno comerciante e boiadeiro —, o que lhe confere um lugar de "eleito" entre os mesmos. Por outro lado, a sua capacidade de mobilização provém da aptidão de seu discurso que, ao captar os anseios de sua gente, faz com que ela reconheça sua linguagem porque nela se reconhece.

A REPRESSÃO AO "EXÉRCITO DIVINO"

Ao constituir a "Força Divina" Galdino deflagra um movimento de cunho messiânico que teve sua morte decretada em 19 de outubro de 1970, quando ele e seus adeptos vestindo as "fardas" pela primeira e única vez, foram presos

²² Depoimento de Antonio Teodoro, p. 49.

²³ Depoimento de Arlindo Pedro Ferreira, p. 31.

²⁴ Depoimento de Braz Pedro Ferreira, p. 37

pela polícia de Rubinéia. O pequeno exército que Galdino congregara em torno de si, que possibilitou o nascimento e resultou na morte do movimento por ele liderado, foi também o responsável pelos processos que ele viria a responder.

Galdino foi processado porque "líder religioso e profeta fazia uma de suas costumeiras reuniões, onde exercia o curandeirismo usando gestos e palavras, para em sequência, benzer os incautos lavradores analfabetos que o procuravam em busca de cura milagrosa que propalava, pelo que, recebia em troca alimentos e importâncias em dinheiro, foi interpelado pela autoridade policial Bacharel Antonio Galante Ferreira, que, com um contingente policial para lá se dirigiu, para averiguações, vez que havia denúncia de que Galdino e seus seguidores pretendiam naquele dia (1/10/70) promover uma passeata pelas ruas de Rubinéia afim de, mesmo com emprego de violência, angariar outros seguidores que lá se encontravam investiram, furiosamente, contra aquela autoridade policial e os militares, opondo-se, destarte, à execução do ato legal, agredindo-os com rebenques, chibites, pedaços de paus, tijolos, facas e bombas que presume-se de fabricação caseira o que ocasionou lesões corporais nos militares".²⁵

A refrega entre a "Força Divina" e a "Força Militar" resultou na prisão de Galdino e seus adeptos que, depois de expostos ao povo de Rubinéia e Santa Fê do Sul pelos policiais que com eles desfilaram em um caminhão aberto como se fossem troféus de um campo de batalha, foram le

²⁵Autos do processo-crime, pgs. 2, 3 e 114.

vados para a Cadeia Pública de Estrela D'Oeste. O aprisionamento dos integrantes da "Força Divina" fez-se necessário, segundo os militares, porque "é de prever-se de que se libertados Aparecido Galdino Jacinto, principalmente, como também as pessoas que consigo se encontram retornando à cidade de Rubinéia poderão promover distúrbios, perturbar a ordem, colocando em risco a garantia da ordem pública."²⁶

Galdino havia alertado seus adeptos que *proceis vesti a farda voceis tem que ter fé porque vai vir a coisa em cima e ninguém brigue. Seja proceis morrer mas é pra agüentar com fé em Deus porque se tem fé em Deus entra nas aprovação e sai. Então meu povo num brigou, só apanhou, num podia brigar porque eu já tinha ensinado a num brigar. Num podia relar a mão, então só sofreu. Quando foi preso, Galdino alegou que esse povo num merece, eles me acompanharam no benzimento e a maior força desses homem que tá aí era doente. Eles sararam no benzimento. Então me companhou dentro desse benzimento com aquela fé, mas pensando que era diferente, pensando que num ia preso. Mas, como calhou de ir preso eu num quero que prejudique eles, a moça, esses homem que precisa trabalhar.*

JULGAMENTO E CASTIGO

Instaurado o inquérito policial, Galdino foi acusado de ter infringido os artigos 284, 129 e 329, do Cõ-

²⁶ Autos do processo, p. 136.

digo Penal²⁷ e seus prosélitos foram indiciados por infração aos dois últimos. Entretanto, o promotor público da Comarca de Santa Fé do Sul, ao examinar informações contidas no inquérito, encaminhou o processo para ser julgado também pela Justiça Militar por acreditar que, além dos delitos já mencionados que compete à justiça comum julgar, Galdino e seus adeptos haviam também, segundo ele, praticado crimes contra a Segurança Nacional porque "não satisfeito com suas pregações religiosas passou a profetizar o futuro e o presente, insurgindo-se em suas pregações contra a construção da barragem, a demolição dos prédios da cidade, o pagamento de impostos, alegando que tal era contra a lei de Deus, formando ainda um contingente com seus fiéis aos moldes do exército, com uniforme e hierarquia".²⁸ Na esfera militar, pesavam sobre Galdino acusações de incitamento à desobediência coletiva às leis e constituição de organização de tipo militar, com fardamento, com finalidade combativa.

Em consequência da denúncia, Galdino passou a responder a dois processos: um da competência da Justiça Comum e outro da alçada da Justiça Militar. Quanto a seus adeptos, somente a Justiça Comum moveu processo contra eles, por

²⁷ Os artigos 129, 284 e 329 afirmam, respectivamente, que constitui crime "ofender a integridade corporal ou a saúde de outrem"; "exercer o curandeirismo: 1) prescrevendo, ministrando ou aplicando habitualmente, qualquer substância, 2) usando gestos, palavras ou qualquer outro meio e 3) fazendo diagnósticos" e opor-se à execução de ato legal, mediante violência ou ameaça a funcionário competente para executá-lo ou a quem lhe esteja prestando auxílio". Cf. Código Penal, São Paulo, Ed. Atlas, 1980, p. 95, 129 e 137.

²⁸ Autos do processo. p. 136.

que a 1ª auditoria da 2ª Circunscrição Judiciária Militar, responsável pela condução do processo na esfera militar, decidiu denunciar somente Galdino por crimes contra a Segurança Nacional "por ser evidente que Aparecido Galdino Jacinto se insurge contra os poderes do Estado, o direito de propriedade e as leis incitando seus fanáticos fiéis a não pagarem impostos, constituindo ainda organização de tipo militar com finalidade combativa e por entender que, na conduta dos demais indiciados, não houve dolo contra a Segurança Nacional. Trata-se de pessoas ignorantes, as quais, influenciadas pelo denunciado, lhe eram obedientes e serviais".²⁹

O juiz-auditor solicitou a soltura dos adeptos da "Força Divina" que aguardaram, em liberdade, o julgamento pelos crimes a eles imputados não tendo Galdino igual sorte visto ter sido decretada sua "custódia provisória que se destina à garantia da ordem pública, a conveniência da instrução criminal e à segurança da aplicação da lei penal".³⁰ Sob a custódia do Estado, Galdino foi transferido em fevereiro de 1971 para o presídio Tiradentes em São Paulo onde conviveu com presos políticos até julho do mesmo ano, quando foi transferido para a Casa de Detenção de São Paulo.

Levado a julgamento, Aparecido foi absolvido pela Justiça Comum com base na brilhante defesa de seu advogado Alcides Silva que refutou as acusações a ele imputadas

²⁹ Autos do processo, p. 171.

³⁰ Autos do processo, p. 165.

de exercício de curandeirismo alegando que curandeiro é aquele que explora a credence para fins de comércio e Galdino benzia sem nada cobrar e o que o povo me dava de esmola eu dava de esmola porque eu não posso amar o dinheiro, porque eu não posso fazer parte do dinheiro.³¹ Quanto ao crime da resistência à execução do ato legal, com agravante de ter Galdino e seu grupo agredido violentamente a caravana policial causando lesões corporais nos militares, não se conseguiu provar a ocorrência do delito porque nem mesmo a polícia conseguiu caracterizar a legalidade da diligência, o mesmo acontecendo com a acusação de práticas de lesões corporais de natureza leve que não teve sustentação porque nos autos ninguém informou quem portava o arsenal de "rebenques, chicotês, pedaços de pau, tijolos, facas e bombas que se presumem de fabricação caseira" que feriu os policiais. Os seus adeptos, em julgamento, também conseguiram absolvição.

Julgado pela Justiça Militar em Outubro de 1971, Galdino, após- submeter-se a exame de sanidade mental,³² foi absolvido da pena que lhe foi intentada por ser considerado portador de quadro esquizofrênico-paranóide. Entretanto, foi-lhe aplicada medida de segurança de internação no Manicômio Judiciário pelo prazo de 2 anos com base

³¹ Autos do interrogatório, p. 195.

³² Veja em anexo, cópia do laudo de exame de sanidade mental, procedido em Galdino que o qualifica de "esquizofrênico-paranóide".

no § 1º do art. 112 do Código Penal.³³ Galdino deu entrada no Manicômio Judiciário em 27 de dezembro de 1972 para cumprir medida de segurança detentiva.

³³ O artigo 112 em seu primeiro parágrafo do Código Penal assevera que "quando o agente é inimputável, mas suas condições pessoais e o fato praticado revelam que ele oferece perigo à incolumidade alheia, o juiz determina sua internação em manicômio judiciário, cujo mínimo deve ser fixado de 1 a 3 anos e é por tempo indeterminado, perdurando enquanto não for averiguada, mediante perícia médica, a cessação da periculosidade do internado".

CAPÍTULO V

PODER PSQUIÁTRICO - A ESTRATÉGIA DA RE(EX)CLUSÃO

*Tu te abaterás sobre mim
querendo domar-me mas eu te resistirei
Porque a minha natureza é
mais poderosa do que a tua*

(Vinícius de Moraes)

A via-crucis de Galdino começa no mesmo dia em que ele e seus adeptos vestiram o uniforme da "Força Divina", pela primeira e única vez. É importante aqui ressaltar o momento histórico do país, que vivia sob o obscurantismo de um regime autoritário instaurado pelo movimento político-militar de 1964, que, ao se deparar com uma pequena legião uniformizada que não tinha armas, só devoção a Deus, dissolve o ajuntamento por acreditá-lo ofensivo e perigoso à segurança do país e condena o seu líder porque em suas pregações insurgia-se "contra a construção da barragem, a demolição dos prédios de Rubinéia, o pagamento de impostos alegando que tal era contra a lei de Deus".¹

No que tange à represa, Aparecido manifestava - se contrário à sua construção *na idéia de defender minha casa,*

¹Autos do processo, p. 170.

*defender minha igreja. Eu achava que a água não ia chegar ali, que iam fazer a represa certo com o nível do rio, se fosse no nível do rio a água não ia atingir a cidade. E ela atingiu.*²

Por outro lado, quando a CESP o procurou para indenizar sua propriedade e dele exigiu a certidão de pagamento de impostos, Galdino alegou que a terra é dada por Deus a todos para plantar e sobreviver e, portanto, ninguém pode cobrar imposto pelo que só Deus pode dar.³

A análise das prêdicas de Galdino não pode ser dissociada do contexto em que elas foram proferidas. Aparecido, em suas pregações, estava tentando preservar Rubinéia evitando que ela fosse submersa por 8 milhões de m³ de água. O seu protesto era contra a destruição do modo de vida dos habitantes de Rubinéia, dos valores que norteavam o cotidiano dessa gente, constituída, em sua grande maioria, de trabalhadores rurais. Desta forma, não se devem caracterizar atos de subversão nas palavras de Aparecido como se pretendeu nos autos do processo, quando ele se proclama, sobre a propriedade privada, a cobrança de impostos ou a construção da barragem.

Por outro lado, a verdade sobre a refrega que resultou em ferimento em diversos policiais, porém, é outra. Era dia de culto e Aparecido e seus seguidores rezavam na tosca igreja construída nos fundos da casa de Galdino, to-

²Extraído da reportagem "O Caso Aparecido", Revista Rádice, ano 1, nº 4, Rio de Janeiro, p. 10.

³Idem, ibidem, p. 12.

dos trajando as vestes da "Força Divina" quando o delegado e uns 17 policiais estiveram no local do benzimento já espancando. Os policiais já chegaram batendo com o cacetete, não deram explicações, não perguntaram de quem era a casa e nem o que estavam fazendo lá. Tinha cabelos compridos, fui arrastado pelos cabelos, socado e batido mas não reagi.⁴ O depoimento de um dos que integravam a "Força Divina" confirma que a agressão partiu dos policiais e quando ele "resolveu falar com os policiais pra não bater, pra gente se entender o mesmo passou a agredi-lo conduzindo-o preso".⁵

A ESTRATÉGIA DA CONDENAÇÃO: ORDEM JURÍDICA E AUTORIDADE MÉDICA

Faz-se necessário verificar as relações que se estabelecem entre psiquiatria e poder do Estado — no caso em pauta exercido através do Judiciário — quando necessária a convivência daquela com o poder constituído a fim de encontrar soluções, em especial durante períodos de vigência de regimes autoritários, para determinadas situações como é o caso de Aparecido. Porque falar em esquizofrenia, em ouvir vozes místicas é, segundo Paulo Dantas, "a maneira de se negar um diagnóstico social e popular mais profundo e digno de um povo místico que, em meio a misérias tantas tem forças para criar o milagre de viver, querendo ainda aos outros ajudar".⁶

⁴Depoimento prestado por Galdino na Delegacia de Santa Fé do Sul, Autos do processo, p. 421.

⁵Depoimento de Ermínio Viêto Viana, Autos do processo, p. 300.

⁶Extraído da carta de Paulo Dantas, publicada no Jornal da Tarde, em 06/09/74.

O laudo médico dos psiquiatras sob o qual se pautou o Poder Judiciário para estabelecer a sentença condenatória para Galdino e os pareceres psiquiátricos que balizaram a decisão do juiz-auditor de mantê-lo recluso revelam a relação existente entre autoridade jurídica e autoridade médica servindo esta para orientar a ação legal. No dizer de Szasz, "a introdução de considerações psiquiátricas na administração das leis criminais — por exemplo, a insanidade mental como justificativa e veredicto, os diagnósticos de incompetência mental para serem submetidos a julgamento, e assim por diante — corrompe a lei e vitima o sujeito em favor de quem elas são ostensivamente empregadas".⁷

No caso Galdino, o poder judiciário com vistas a proteger a sociedade, ordena a sua internação no Manicômio Judiciário por considerá-lo um ser discordante da sociedade e, portanto, adversário da ordem social vigente. Sua exclusão do convívio social faz-se necessária, segundo a justiça injusta, não só para assegurar a proteção da sociedade mas sobretudo para que, através de tratamento terapêutico, possa ele ser (re)educado para comportar-se segundo valores normais que regem a sociedade.

Cabe à psiquiatria distinguir o normal do patológico bem como realizar o controle e a vigilância dos indivíduos por ela considerados anormais; isto é, desviantes da norma social que, por sua vez, é estabelecida segundo os valores dominantes da sociedade em determinado tempo e lugar.

⁷Thomaz S. Szasz, O Mito da Doença Mental, São Paulo, Círculo do Livro S.A., s/d, p. 251.

Compete à justiça, por outro lado, referendar o diagnóstico psiquiátrico encaminhando o criminoso insano para o hospital-presídio.

MANICÔMIO: EXCLUSÃO X INCLUSÃO

A loucura, segundo a psiquiatria, é concebida como ruptura com o mundo, como quebra das regras da sociabilidade e, neste sentido, diz respeito à conduta dos indivíduos face à ordem estabelecida. Aquele que transgride as normas sociais é considerado um ser da desordem e, segundo julga a psiquiatria, via de regra, louco. Galdino, ao se recusar a jogar o jogo social, é considerado portador de esquizofrenia; isto é, um ser inútil para a sociedade e que representa, ademais, um perigo para ela devendo, portanto, ser dela afastado. O enclausuramento compulsório em instituição de defesa social visa a transformá-lo em ser útil e dócil.

Segundo Rubem Alves, "um dos problemas centrais da vida social é a eliminação efetiva das formas de pensar e agir que não se harmonizam com as práticas funcionais de que a sociedade depende. Pessoas que pensam diferente e que agem diferentemente revelam que elas não se sentem em casa no mundo das normas sociais dominantes".⁸ Galdino, ao tentar preservar os valores que norteavam sua vida, diversos daqueles que a nova ordem em Rubinêia impunha, comete o pecado da resistência e a remissão de tal pecado exige sua

⁸Rubem Alves, "Religião e Enfermidade", em J. F. Regis de Moraes (org.) Construção Social da Enfermidade, São Paulo, Cortez e Moraes, 1978, p. 34.

inclusão num espaço normativo que procederá a normalização do dissidente através de uma terapêutica educativa; isto é, ensinar-lhe-á a comportar-se segundo os padrões de normalidade dominante na sociedade.

Num contexto de regime autoritário em que os militares detêm as rédeas de comando do país, formar um exército, ainda que para propagar a paz, é visto como crime contra a segurança nacional. A terapêutica compulsória que a Justiça Militar impõe a Galdino é a punição pelos crimes de subversão da ordem por ele cometidos.

O manicômio é o lugar de realização da cura e a extirpação da doença concebida como comportamento indisciplinar exige um tratamento disciplinar. O manicômio se apresenta como espaço da disciplinarização dos indisciplinados e a estratégia asilar, ao excluir o criminoso do convívio social, o inclui, ao mesmo tempo, num espaço normativo para adestramento do paciente ao lugar das trocas sociais.

Ao ser internado no manicômio, Galdino adquire estatuto jurídico de louco o que lhe acarreta a perda dos direitos civis e o coloca sob a tutela do Estado. A expropriação da cidadania é a punição pelos crimes contra a ordem social.

Enquanto paciente, Galdino é destituído da palavra, isto é, sua fala é sempre analisada sob a ótica de manifestação da doença. Neste sentido, por não reconhecer-se louco, pois *eu nunca dei motivo pra eles me chamar de louco*, Galdino confirma, segundo os peritos, o diagnóstico de esquizofrenia. Os laudos atestam que ele "não tem noção de

sua doença mental apresentando a capacidade de crítica deficitária" e, portanto, "o paciente continua doente mormente devido a seu deficit de crítica".⁹

Anualmente, Galdino era submetido a novo exame psiquiátrico para aferição da periculosidade. Os laudos psiquiátricos durante os 7 anos em que permaneceu internado a testaram a continuidade da doença e da periculosidade e o último parecer emitido pela instituição nosocomial em 1978, prorrogando seu suplício, assinala que "o examinado continua doente, perigoso devendo permanecer no Manicômio para dar continuidade ao tratamento psiquiátrico e para a segurança social, pois ainda apresenta periculosidade e atesta ainda que "não obstante ter se beneficiado com a medicação psicotrópica Aparecido Galdino Jacinto tem um deficit de crítica acentuado e externa ainda suas idêias delirantes místicas que caracterizam o quadro de esquizofrenia 'forma paranóide'.¹⁰

Submetido a tratamento medicamentoso porque remêdio de medicamento eu tomei porque fui obrigado que a pesquiatria receitou que achou que eu era nervoso e que eu não dormia, mas eu toda vida dormi bem e o meu nervoso eu sei dominar ele, Galdino, entretanto, não se deixou subjugar aos desmandos da psiquiatria quando da necessidade desta nele introjetar o reconhecimento da doença, primeiro passo para obtenção da cura. *Eles pode dizer* afirma Galdino o que eu possa ser, se eu sou doente ou o que seja. Mas, eu

⁹ Parecer psiquiátrico emitido em 3 de novembro de 1975.

¹⁰ Parecer psiquiátrico emitido em dezembro de 1978.

não acredito. Acredito primeiramente em Deus e acredito em mim mesmo. Sei quem eu sou. Agora, se eu deixar por lei dos outro uma pessoa fala fulano tá doente e se a pessoa encu^{ti} ti que ele tá doente ele vai ficar doente. Tá cheio disso. Então, eu não tenho nada disso.

Quanto à instituição que o manteve enclausurado por 7 anos, Galdino afirma que *tinha no Manicômio paciente de 40 anos de casa e se ela fosse boa curava em 2 anos.*

A LIBERTAÇÃO: DE VOLTA A RUBINÉIA

O exame dos pareceres psiquiátricos emitidos no correr dos anos 70 revela que os mesmos são repetitivos, a apresentam sempre o mesmo diagnóstico e desta forma fundamenta tam a denúncia formulada por Galdino ao juiz-corregedor de que *muitas veiz alguns pessequiatra não fazia exame e mentia no laudo*. Cabe aqui salientar que um dos psiquiatras que "insistiam em manter Galdino internado foi impedido pe lo juiz-corregedor, Renato Laércio Talli, de emitir parece res, por considerá-los incongruentes e totalmente improcedentes".¹¹

Ademais, a crise por que passava o "depósito de internados" de que fala Szasz, na época em que Galdino lá esteve nosocomiado, contribuiu sobremaneira para o descrédito dos pareceres posto que "como excesso de lotação já se tornou ali crônico, os exames são feitos muitas vezes du rante uma única entrevista que não duram muitas vezes dez

¹¹ Veja Percival de Souza, A Revolução dos Loucos, São Paulo, Global Editora, 1980, em especial, "O Caso Galdino", p. 102.

minutos com o detento, expediente este que resultam em graves deficiências no laudo".¹²

Face às denúncias formuladas durante uma campanha pública sobre o caso Galdino, em especial o empenho do Prof. José de Souza Martins para conseguir a soltura de Galdino, a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo solicitou à auditoria militar a revisão do processo. Os peritos oficiais da Coordenadoria de Saúde Mental da Secretaria de Saúde de São Paulo, psiquiatras Richard Van Curtis e José Roberto Paiva, após examinarem Galdino, concluíram que ele "está lúcido, não apresenta periculosidade, não está sob efeito de medicação e não precisa de internação".¹³ O juiz-auditor, José Paulo Paiva, acolhendo este parecer, determinou "a desinternação do citado civil que se encontra atualmente recolhido no Manicômio Judiciário de Franco da Rocha, em cumprimento de medida de segurança imposta por esta Auditoria".¹⁴ Galdino foi libertado em 6 de junho de 1979, *dispois que fiquei 9 ano nas prisão.*

A resistência cotidiana pela fé durante 8 anos, 8 meses e 5 dias de prisão levou-o, já em liberdade a afirmar: *Um homem que tem fé nunca fica totalmente preso. O corpo de um homem com fé fica preso, mas o espírito fica livre. Meu corpo teve preso e tá cansado. Meu espírito não teve preso e tá muito bem. O que precisei passar foi provação e provação não é loucura.*

¹² Cf. Editorial do Jornal O Estado de São Paulo, 8/6/73.

¹³ Citado em Percival de Souza, op. cit. p. 102.

¹⁴ Ofício enviado em 4 de junho de 1979 pelo juiz-auditor ao Manicômio Judiciário solicitando a soltura de Galdino.

De volta a Rubinéia, Galdino revive a letra da música "Aparecido , Profeta das Águas"¹⁵ feita em sua homenagem:

"As marcas que ficaram no meu corpo
bem mostram o que sofri
por pouco não estou morto
por pouco não estou aqui

O tempo passa e agora eu acho graça
de tudo o que me aconteceu
Foi um grande pesadelo
mas graças à Deus acordei
estou de volta à santa terra
minhas galinhas
Rubinéia
minha velha
meu paranasão"

Impedido pelo juiz-auditor de continuar a benzeção, Galdino agora jardineiro da prefeitura de Santa Fé do Sul, busca novas estratégias para recomeçar sua missão.

¹⁵ Música de autoria de Luiz Carlos Seixas, vencedor do Festival de Música de Santa Fé do Sul de 1979.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise sobre o movimento deflagrado pelo místico Galdino, objetivou revelar as razões que o levaram a formar um exército divino e identificar a repressão sobre ele desferida que resultou na sua condenação.

O estudo do movimento liderado por "Aparecida" que eclodiu numa área rural nos remeteu à problemática das transformações que o processo de expansão capitalista acarreta nas condições de produção e reprodução da existência do homem do campo. Este, umbilicalmente ligado à terra, que é o seu próprio espaço, tem as raízes de sua existência nela firmadas. Destarte, no meio rural, a produção da existência só se realiza através de uma relação qualquer com a terra e, quando esta sofre transformações, o "modus vivendi" dos que cultivam a terra é afetado de modo inexorável, configurando-se uma situação de crise.

Para essa crise que introduz uma descontinuidade na continuidade da vida, a religião se afigura como instrumento capaz de ressitua-los na nova conjuntura pois atua, no palco da existência rural, como recurso de explicação e constitui suporte importante do modo de viver do homem do campo, que tem uma crença profundamente arraigada na onipre

sença e onipotência divinas. A religião e o social no meio rural se entrelaçam, isto é, a ordem divina interpenetra a ordem social e, quando esta sofre transformações, a religião responde às adversidades suscitadas pelas mudanças sociais.

Sob a respectiva de contestação social de natureza religiosa, os movimentos messiânicos expressam a recusa aos valores que norteiam a sociedade, ao mesmo tempo que propõem a construção de uma nova sociedade, mais justa e igualitária. Estribada na religiosidade popular, a doutrina messiânica alimenta a esperança da salvação que é dirigida a toda a humanidade, mas, somente aqueles que se qualificarem moral e religiosamente, serão salvos, isto é, "eleitos" a viverem uma nova era de felicidade suprema. Salvar-se significa participar do processo de construção de uma nova sociedade onde a injustiça e a opressão não têm lugar.

A crença messiânica gira em torno da fé e da esperança. Através da fé, a comunidade messiânica se propõe a reatar a comunhão do humano com o divino, resgatando a harmonia da condição humana que se desvaneceu quando os homens se afastaram de Deus. A comunidade messiânica reside na esperança que conduz à crença na iminência do milênio ou paraíso — lugar de eterna felicidade — que será alcançado, não após a morte mas aqui e agora, por aqueles "eleitos" a viver uma nova era de beatitude e opulência.

O movimento messiânico consiste não só na renúncia aos valores que a nova ordem, excluindo-os, impõe, mas

está voltado principalmente para a criação de uma existência social alternativa. Ele expressa a insatisfação com as condições de vida presente e o desejo de mudança. No caso em estudo, reflete as ansiedades e esperanças de Galdino e seu grupo que experimentam uma situação de crise provocada pela destruição de Rubinéia que, por sua vez, desarticula os valores fundamentais que davam sentido às suas vidas.

Galdino não se limitou a contemplar, passivamente, o desmoronamento da ordem em que vivia. A crise que se delineava representava a idéia apocalíptica em que os sinais dos últimos tempos eram dados pelas transformações trazidas pela construção da barragem de Ilha Solteira, reponsável pela destruição de Rubinéia. Era preciso salvar a humanidade do fogo eterno que, segundo suas profecias, viria antes do ano 2.000 e sua missão de remir os homens se fazia agora cumprir.

A crise que eclode com o início da destruição de Rubinéia levou Galdino a idealizar a formação de um grupo seleto de pessoas de fé para que ele pudesse dar continuidade a seu trabalho de benzeção, assim como continuar as pregações sobre a necessidade do povo se voltar para Deus e para a religião a fim de salvar-se das desgraças que se aproximam da vida terrestre. Ao constituir uma comunidade de fiéis, integrada por homens e mulheres de fé, Galdino deflagra um movimento messiânico em que ele figura como messias, um emissário divino com a missão de mudar as condições sociais existentes, sendo que o pequeno exército de Galdino congregara em torno de si foi o responsável por seu enclausuramento durante quase uma década.

O movimento liderado por Galdino expressa uma das estratégias de resistência à ordem social, que é colocada em jogo assim como seus agentes institucionais. A visão de mundo de Galdino e seus adeptos não está integrada no que se arroga ser a norma imposta pela cultura dominante, expressa no caso em pauta, primeiramente pela CESP, e tendo sua segunda expressão no Manicômio. Ao proceder à eleição dos excluídos, Galdino — cuja liderança emerge de necessidades históricas — e seus adeptos resistem e superam o mundo da norma. Compreender este mundo, sob a ótica do grupo criador de uma cultura, se constituiu, pois, no maior desafio de nossa pesquisa.

Do ponto de vista do protesto social com teor religioso, o estudo de tal movimento nos encaminhou para as temáticas do messianismo e da resistência popular. A manifestação do sagrado está associada a uma situação de crise que, ao desagregar os valores que permeiam o "modus vivendi" de Galdino e seus adeptos, desencadeia o processo de resistência.

A história, em nosso estudo, descobre a cultura popular, pois as crenças messiânicas dela se alimentam. Ao resgatar a dimensão religiosa que perpassa o movimento de "Aparecidão" através do estudo do catolicismo popular, nossa pesquisa procura mostrar a religião como canal de expressão de resistência coletiva às transformações que abalam o cotidiano de Galdino e sua gente.

O estudo sobre crenças religiosas, que expressam a recusa às intoleráveis condições de existência e ma-

nifestam a esperança de uma vida sem misérias e injustiças, fascina o pesquisador que se depara com uma riqueza de aspectos que os movimentos de natureza messiânica apresentam.

Foram muitos os caminhos de análise que se abriram, no decorrer de nossa reflexão, sobre a instigante fala de Galdino. Contrariamente ao que o término de um trabalho deve apresentar, as presentes considerações intentam salientar aspectos diversos que o discurso de Galdino permite explorar e ainda restam a ser analisados, abrindo, assim, caminhos para futuras análises. Entre múltiplos aspectos a serem pesquisados podemos ressaltar: as relações que se estabelecem entre Galdino e seus familiares; as expectativas milenaristas que os integrantes da Força Divina abraçam; a indumentária e as rezas; os liames que se estabelecem entre cultura, religiosidade e medicina popular; o significado do número 3 que se apresenta como número cabalístico; a especificidade da repressão que se abateu sobre o "Exército Divino" com destaque para o poder da psiquiatria e a psiquiatria do poder nos anos 70; a articulação presente, passado e futuro, as manifestações de recusa a viver-se o presente tal que ele se apresenta através do vivenciar do tempo sagrado que interrompe o tempo profano, tempo mercadoria tão valorizado pela cultura dominante, e também recuperar as interpretações dos agentes institucionais envolvidos no "Caso Galdino", quais sejam: a polícia de Rubinéia, a Igreja Católica local, os médicos locais e a CESP.

Desta forma, ao recobrar, por um lado, o significado do protesto dos integrantes da "Força Divina" no con

texto do universo simbólico de Galdino e seu grupo e, por outro, ao recuperar sua força como afronta às normas que a cultura dominante impõe, a presente pesquisa não ignora que o "Caso Galdino" foi apenas compreendido em suas linhas gerais.

A historiografia brasileira que investiga a problemática messiânica, via de regra, centra a análise sobre movimentos de tal natureza nos acontecimentos que se verificam no período que medeia o nascimento e a morte do movimento, pois é nele que o agrupamento humano, insatisfeito com as condições de existência, procura realizar seu projeto místico. Assim, busca-se a riqueza dos movimentos na fase em que a comunidade messiânica explicita sua organização interna, as estratégias de sobrevivência e luta, ou seja, no momento em que o grupo se rebela tornando inevitável o enfrentamento com as autoridades constituídas.

O movimento de "Aparecidão" que morre ao nascer deslocou a análise para os acontecimentos que antecederam e se sucederam à sua deflagração. A impossibilidade de realização de seu projeto místico fez com que nossa pesquisa se voltasse para o que ocorreu antes e depois da constituição da "Força Divina".

Deste modo, ao recuperar a importância histórica de um movimento que, aparentemente, não pode ser considerado como tal, a pesquisa em tela procurou suscitar novas reflexões sobre crenças messiânicas que se concretizam em movimentos ainda que mortos ao nascer.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS GERAIS

01. AGUIAR, Cláudio. Caldeirão, Rio, Livraria José Olympio Editora, 1982.
02. ALVES, Rubem. "Religião e Enfermidade", em J. F. Regis de Moraes (org.), Construção Social da Enfermidade, São Paulo, Cortez e Moraes, 1978.
03. _____. O que é Religião?, São Paulo, Brasiliense, 1981.
04. _____. O Enigma da Religião, Campinas, Papirus, 1984.
05. _____. O Suspiro dos Oprimidos, São Paulo, Edições Paulinas, 1984.
06. AMADO, Janaína. Conflito Social no Brasil: A Revolta dos Muckers, São Paulo, Edições Símbolo, 1978.
07. ARANTES, A. A. O que é Cultura Popular? São Paulo, Brasiliense, 1985.
08. ARAUJO, Alceu Maynard. Medicina Rústica, São Paulo, Coleção Brasileira, Cia. Editora Nacional, 1979.
09. BAILEY, F. G. "La Visión Campesina de la Vida Mala", em Teodor Shanin, Campesinos Y Sociedades Campesinas, México, Fondo de Cultura Económica, 1979.

10. BARBER, Bernard. "Acculturation and Messianic Movements", American Sociological Review, vol. 6, nº 5, Oct. 1941.
11. BARRÓS, J. M. A. "A Utilização Política - Ideológica da Delinqüência", Cadernos do CEAS, Salvador, nº 71, jan/fev 1981.
12. BASAGLIA, Franco. A Instituição Negada, Rio de Janeiro, Graal, 1985.
13. BASTIDE, Roger. Sociologia das Doenças Mentais, São Paulo, Editora Nacional/EDUSP, 1967.
14. BENEDETTI, L. R. Os Santos Nômades e o Deus Estabelecido, São Paulo, Edições Paulinas, 1984.
15. BERGER, Peter. Um Rumor dos Anjos - A Sociedade Moderna e a Redescoberta do Sobrenatural, Petrópolis, Vozes, 1973.
16. BIRMAN, Joel. "O Espaço Institucional da Loucura" em Medicina e Poder, Cadernos da UERJ, Rio de Janeiro, mimeo, s/d.
17. BONHOEFFER, D. Resistência e Submissão, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.
18. BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas, São Paulo, Editora Perspectiva, 1974; em especial, capítulo 2: "Gênese e Estrutura do Campo Religioso".
19. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os Deuses do Povo, São Paulo, Brasiliense, 1980.
20. CABRAL, Oswaldo. "A Medicina Teológica e as Benzeduras - Suas Raízes na História e Sua Persistência no Folclore", Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, nº CLIX, São Paulo, 1950.

21. CANCLINI, Nestor G. As Culturas Populares no Capitalismo, São Paulo, Brasiliense, 1983.
22. CASTRO, Lola Aniyar. Criminologia da Reação Social, Rio de Janeiro, Forense, 1983.
23. CHAUÍ, Marilena. Cultura e Democracia: O Discurso Competente e Outras Falas, São Paulo, Moderna, 1980.
24. _____. Conformismo e Resistência - Aspectos da Cultura Popular no Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1986.
25. CIRESE, Alberto M. Oggetti, Segni, Musei, Torino, Einaudi Editore, 1979, em especial "Condizione Contadina Tradizionale, Nostalgia, Partecipazione".
26. CONSORTE, Josildeth. "A Propósito de Movimentos Messiânicos: Alguns Pontos para Discussão", mimeo, outubro de 1970.
27. _____. "A Mentalidade Messiânica", Ciências da Religião, São Paulo, Edições Paulinas, nº 1, junho de 1983.
28. CONSORTE, J. e NEGRÃO, Lísias N. O Messianismo no Brasil Contemporâneo, São Paulo, FFLCH/USP - CER, Coleção Religião e Sociedade Brasileira, nº 1, 1984.
29. DA MATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
30. DELLA CAVA, Ralph. "Messianismos Brasileiros e Instituições Nacionais: Uma Reavaliação de Canudos e Juazeiro", Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, Vol. VI, nºs 1 e 2, 1975.
31. _____. Milagre em Joazeiro, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
32. DESROCHE, Henri. Sociologia y Religión, Barcelona, Edi

ciones Península, 1972.

33. DOBROWOLSKI, K. "La Cultura Campesina Tradicional" em Shanin, T. op. cit.
34. ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano, Lisboa, Livros do Brasil, s/d.
35. FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
36. FERNANDES, Florestan (org.) Marx/Engels, São Paulo, Ática, 1983.
37. FOUCAULT, Michel. "O Poder Psiquiátrico", Resumo das Conferências Dadas no Collège de France, mimeo.
38. _____. História da Loucura, São Paulo, Perspecti
va, 1979.
39. _____. Microfísica do Poder, Rio de Janeiro, Graal, 1981.
40. GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974.
41. IANNI, Otávio. "O Reino Deste Mundo", Religião e So-
ciidade, Rio de Janeiro, nº 1, maio de 1977.
42. ILLICH, Ivan. A Expropriação da Saúde - Nêmesis da
Medicina, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
43. KOLAKOWSKI, S. "A Revanche do Sagrado na Cultura Pro-
fana", Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, nº 1,
maio de 1977.
44. LANTERNARI, Vittorio. As Religiões dos Oprimidos, São
Paulo, Perspectiva, 1974
45. _____. Crisi e Ricerca D'Identità, Napoli, Li-
gouri Editore, 1977.

46. LEERS, Bernardino D. F. M. Catolicismo Popular e Mundo Rural, Petrópolis, Vozes, 1977.
47. LESSA, Carlos. "A Nação-Potência como Um Projeto do Estado para o Estado", Cadernos de Opinião, Rio de Janeiro, nº 15, 1980.
48. LIBANIO, J. B. Evangelização e Libertação, Petrópolis, Vozes, 1976.
49. _____. O Problema da Salvação no Catolicismo do Povo, Petrópolis, Vozes, 1977.
50. LOYOLA, Maria Andréa. Médicos e Curandeiros (Conflito Social e Saúde), São Paulo, Difel, 1984.
51. MACHADO, Roberto (org.), Danação da Norma - Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil, Rio de Janeiro, Graal, 1978, em especial parte III — "A Medicina do Comportamento".
52. MARTINS, José de Souza. Capitalismo e Tradicionalismo, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1975.
53. _____. Expropriação e Violência, São Paulo, Hucitec, 1980.
54. _____. A Militarização da Questão Agrária no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1985.
55. MARX, K. e ENGELS. Sobre a Religião, Lisboa, Edições 70, 1972.
56. MONIZ, Edmundo. A Guerra Social de Canudos, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
57. MONTEIRO, Douglas. Os Errantes do Novo Século, São Paulo, Duas Cidades, 1974.
58. _____. "Um Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado", em Boris Fausto (org.), O Brasil Republicano, São Paulo, Difel, Tomo III, 2º vol.

59. MOREIRA, Diva. Psiquiatria: Controle e Repressão Social, Petrópolis, Vozes, 1983.
60. OLIVEIRA, Elda Rizzo. "A Questão da Medicina Popular na Cidade", Ciências da Religião, São Paulo, Edições Paulinas, nº 1, junho de 1983.
61. _____. O que é Benzeção?, São Paulo, Brasiliense, 1985.
62. ORTIZ, Sutti. "Reflexiones sobre el Concepto de la 'Cultura Campesina' y los Sistemas Cognoscitivos Campesinos", em T. Shanin, op. cit.
63. PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. O Messianismo no Brasil e no Mundo, São Paulo, Dominus Editora/EDUSP, 1965.
64. QUEIROZ, M. V. Messianismo e Conflito Social, São Paulo, Ática, 1977.
65. SILVA, Alcides e CAMARGO Antonio C. Rubinêia — "A Cacula do Araraquarense" em Santa Fé do Sul (1948/1968) — 20 Anos Depois, mimeo, 1968.
66. SOUZA, Percival. A Revolução dos Loucos, São Paulo, Global, 1980.
67. SZASZ, Thomas. O Mito da Doença Mental, São Paulo, Círculo do Livro S.A., s/d.
68. TALMON, Yonina. "Millenarism", International Encyclopedia of the Social Sciences, Nova York, vol. 9.
69. THOMPSON, E. P. Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase, Barcelona, Editorial Crítica, 1979.
70. ZALUAR, Alba. "Sobre a Lógica do Catolicismo Popular", Dados, Rio de Janeiro, nº 11, 1973.
71. _____. "Os Movimentos Messiânicos Brasileiros: Uma Leitura", BIB, Rio de Janeiro, (6), 1979.

72. _____. Os homens de Deus, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

JORNAIS E REVISTAS

01. BUENO, Joel e Jussara Lins. "O Caso Aparecido", Rádice, ano 1, nº 4, Rio de Janeiro.
02. CARVALHO, Ricardo. "É a Questão Social Caso de Hospício?", Folha de São Paulo, 17/12/1978.
03. _____. "A Um Passo da Liberdade", publicado no Folhetim nº 104, suplemento do Jornal Folha de São Paulo, 14/01/1979.
04. _____. "O Caso Galdino", Cadernos de Opinião, nº 14, Ed. Paz e Terra, Out.Nov., 1979.
05. _____. "Por que este homem não consegue Enlouquecer", Psicologia Atual, Ano 1, nº 8.
06. DANTAS, Paulo. "Este Caso Merece Maior Atenção", Jornal da Tarde, 06/09/1974.
07. _____. "Convocatória Geral para um Julgamento" (Por Dentro do Projeto)", Ex. Out. 1974.
08. FAERMAN Marcos. "O Boiadeiro Ouve Vozes Místicas. E Surge Aparecidão: O Profeta", Jornal da Tarde, 02/09/1974.
09. MARTINS, José de Souza. "Linguagem Sertaneja", Folhetim nº 104, Folha de São Paulo, 14/01/1979.
10. NEGRÃO, Lísias. "Movimento Messiânico não é Produto de Mente Doente", Folha de São Paulo, 17/12/1978.
11. Reportagem "Paciente Aparecido", Ex. out. 1974.
12. Reportagem "Boiadeiro de Deus", Veja, 04/12/1974.

PROCESSO

Promotoria Pública de Santa Fé do Sul — (Ministério Público do Estado de São Paulo) — Cartório do 1º Ofício — Proc. nº 785/71, Dis 53-71 9/11/71 — 3 vol. Processo que o Juiz de Direito de Santa Fé do Sul move contra Aparecido Galdino Jacinto.

Cartório do 2º Ofício de Santa Fé do Sul. Processo número 388/71 - Executivo Fiscal movido pela Fazenda Municipal de Rubinéia contra as Centrais Elétricas de São Paulo (CESP).

A N E X O S

ANEXO 1

Tabela - A Composição da

"Força Divina"

N O M E	IDADE	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	MOTIVOS DA ADESAO	POSTO QUE OCUPA NA "FORÇA DIVINA"
ANTONIO TEODORO	58	VIÚVO	ANALFABETO	SERVIÇOS BRACAIS NA ZONA RURAL	DOENTE CURADO PELOS BENZIMENTOS	*
BRAZ PEDRO FERREIRA	30	SOLTEIRO	ANALFABETO	LAVRADOR	PAI CURADO	SOLDADO
ARLINDO PEDRO FERREIRA	18	SOLTEIRO	ASSINA O NOME	LAVRADOR	*	*
JOÃO PEDRO FERREIRA	22	SOLTEIRO	ASSINA O NOME	LAVRADOR	DOENTE CURADO	SOLDADO
ATAÍDE LUIZ MARQUES	16	SOLTEIRO	SABE LER E ESCRIVER	LAVRADOR	FREQUENTAVA AS REUNIÕES DE GALDINO	*
PEDRO LUIZ MARQUES	48	SOLTEIRO	ANALFABETO	LAVRADOR	DOENTE CURADO	SOLDADO
LÁZARO LUIZ MARQUES	57	VIÚVO	ANALFABETO	SERVIÇOS BRACAIS NA ZONA RURAL	FREQUENTAVA REUNIÕES	*
ÁLVINO DE FAVERI	17	SOLTEIRO	SABE LER E ESCRIVER	LAVRADOR	IRMÃO CURADO	*
FRANCISCO LOPES	48	SOLTEIRO	ANALFABETO	LAVRADOR	FREQUENTAVA AS REUNIÕES	*
TERESA FERREIRA DE SOUZA	24	SOLTEIRA	ASSINA O NOME	DO LAR	PAI CURADO	*
MARIA DE LURDES FERREIRA DE SOUZA	28	SOLTEIRA	PRIMÁRIO INCOMPLETO	DO LAR	PAI CURADO	*
FRANCISCO PEDRO FERREIRA	27	SOLTEIRO	ANALFABETO	LAVRADOR	PAI CURADO	SOLDADO
ERMÍRIO VIETO VIANA	19	CASADO	PRIMÁRIO INCOMPLETO	LAVRADOR	MÃE CURADA	*
JOÃO BATISTA DOS SANTOS	22	SOLTEIRO	ASSINA O NOME	LAVRADOR	TIA CURADA	SOLDADO
JOSÉ RICARDO DA COSTA	62	CASADO	ANALFABETO	LAVRADOR	DOENTE CURADO	SOLDADO
AGUISELLIS ELIAS DE PAULA	42	CASADO	ANALFABETO	LAVRADOR	DOENTE CURADO	SOLDADO

FONTE: Depoimentos prestados pelos integrantes da "Força Divina" constantes nos autos do processo movido contra Galdino
* sem referência

ANEXO 2

Cópia do laudo de (in) sanidade mental



1ª Auditoria da 2ª Circunscrição Judiciária Militar
Av. Eng. Luiz Antônio, 1249 - Telefone: 33.2950
SÃO PAULO - SP

Ofício n. 2237/71-
Processo nº 557-

São Paulo, 25 de outubro de 1971.

*Recebido
25/10/71*

Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito.

I- Em cumprimento ao determinado pelo Conselho Permanente de Justiça da Aeronáutica desta Auditoria, em sua reunião de 12 do corrente, encaminho a V.Exa., para os devidos fins, a inclusa cópia autêntica do laudo de exame de sanidade mental procedido na pessoa de Aparecido Galdino Jacintho, filho de Galdino Jacintho e de Mariana Rosa de Jesus, brasileiro, casado, com 46 anos de idade, residente nessa cidade.

II- Esclareço a V.Exa. que Aparecido Galdino Jacintho foi julgado neste Juízo, na data supra mencionada, sendo, com base na letra "d", do art. 439 do Código de Processo Penal Militar, absolvido de imputação que lhe foi intentada por infração de arts. 39, II e 42, do dl. 898/69, cc. arts. 79 e 81, § 1º, do Código Penal Militar. Foi-lhe, outrossim, aplicada medida de segurança de internação no Manicômio Judiciário, pelo prazo de 2 (dois) anos, com base no § 1º do art. 112, do Código Penal Militar.

III- Aproveito a oportunidade para apresentar a V.Exa. os protestos de elevada estima e distinta apreço.

Jose Paulo Paiva
J. José Paulo Paiva
Juiz Auditor

Ao Exmo. Sr.

Dr. Juiz de Direito da Comarca de
SANTA FÉ DO SUL - SP

vmpc.



1ª Auditoria da 2ª Circunscrição Judiciária Militar
Av. Brig. Luiz Antônio, 1249 - Telefone 33-2550
SÃO PAULO - SP



CÓPIA AUTÊNTICA DO LAUDO DE EXAME DE SANIDADE MENTAL PROCE-
DIDO NA PESSOA DO RÉU APARECIDO GALDINO JACINTHO, CUJO IN-
TEIRO TEOR É O SEGUINTE: " Secretaria de Estado da Saúde -
Dependência - M.DPII - 3 - MANICÔMIU JUDICIÁRIO - Laudo de
exame de sanidade mental procedido na pessoa do réu Aparci-
do Galdino Jacintho, vulgo " Aparecido " que se encontra /
na Casa de Detenção do Estado de São Paulo, desde 21 de ju-
nho de 1971 - I - IDENTIFICAÇÃO: - APARECIDO GALDINO JACIN-
THO, leucoderma, casado, com 48 anos de idade, botadeiro, /
natural de Maracá (SP), filho de Galdino Jacintho e de Ma-
riana Rosa de Jesus, residente em Rubinéia, Comarca de Santa
Fé do Sul, foi denunciado como incurso nas sanções penais /
dos artigos 245, nº II; 329 § 2º, " caput " do Código Penal
Civil além das previstas no Decreto-lei nº 898 de 29/9/69,
Lei de Segurança Nacional artigos 30, n. II e 42 ainda com
a agravante do artigo 49, nº III da mesma lei, crimes este/
de competência da Justiça Militar; está a disposição do MM.
Juiz Auditor da 1ª Auditoria da 2ª Circunscrição Judiciá-
ria Militar. II - FATOS CRIMINAIS: O denunciado, e numero-
sos lavradores, quase todos analfabetos, achavam-se reuni-
dos nos fundos da residência do primeiro, curandeiro e fal-
so líder religioso em rubinéia, neste Estado, cerca de
16:00 horas do dia 1º de outubro último, farpados e prome-
vendo sessões ritualísticas; quando, interpelados pelos po-
liciais que lá foram fazer averiguações, os rechassaram e /
agrediram por meio de rebenques de confecção caseira, chicor-
tes, paus, tijolos, facas facões, bombas e outros objetos,
em virtude do que numerosos policiais feridos (levemente).
III - DECLARAÇÕES ATUAIS: - " Eu estou aqui porque cheguei-
a um ponto que profetizei pela força Divina Espiritual que
deveria fazer um exército para continuar o povo pelo bem e
prá continuação da nova geração... Já está com 8 anos que
eu profetizei isto, peguei a fazer benzimentos... Eu escuta-
va umas vozes para que eu tivesse cuidado com aqueles povo /
ruim, aí eu peguei aqueles animais de perna doente e aí veio
aquele dom para benzer, aí eu dei prá benzer aqueles aqui -
mais e comecei a perceber que vários animais sarava e ou-
tros não sarava porque estavam no fim da vida. Aí peguei a

pegou a aparecer alguma pessoa desinganaada pelos médicos, / aí alguma pessoa começaram a sarar, isso ficou um dois a - nos depois veio aquela perseguição porque o povo não enten - dia porque era por causa do mistério, eu percebia que ti - nha pessoa falando mal de mim mesmo eu tanto longe... As - vois que eu entendia pelo ar era muita, a gente não com - preensão se era do homem ou de mulher mas eu recebia aque - las natureza no ar que avisava de algum perigo... Eu parei de trabalhar porque fui marcado prá e pará que o povo me / dava de esmola eu dava de esmola porque eu não posso amar - o dinheiro porque eu não posso fazer parte do dinheiro".

IV - ANTECEDENTES: - FISTOLÓGICOS - nascido de parto eutò - cico a termo feito por curiosa. D.P.M. em épocas normais. PATOLÓGICOS - Viróses de infância sem deixarem sequelas apa - rentes, aos 22 anos paratifo, nega doenças venéreas, per - das de consciência, trauma craneo-encefálico, enurese no - turna, sonambulismo. HEREDITÁRIOS: n. a. n. SOCIAIS E P. AN - TERIOR: - nascido em Maracáibo cidade litorânea de nosso / Estado, filho de lavradores que viviam aparentemente ajus - tados no matrimônio. Tiveram 16 filhos dos quais 10 falece - ram em criança " não chegaram a criar " de moléstias igno - radas. Dos que permaneceram vivos: Benedito Galvão Jacin - tho, 60 anos, casado, introvertido, calmo é muito religio - so, tem aproximadamente 4 filhos, vive ajustado no lar, a - nalfabeto, lavrador. Lázaro Galvão Jacintho, 56 anos, ca - sado, introspectivo, " calmo " mas é uma pessoa dispositi - va que está pronto para responder qualquer coisa, tem 3 - filhos, ajustado no matrimônio, analfabeto, lavrador. Se - bastião Galvão Jacintho, 50 anos, casado, provável esqui - zóide, " não gosta de encontrar com o povo, vergonhoso de - mais", tem 2 filhos, ajustado no lar, analfabeto, lavrador. Aparecido Galvão Jacintho é o examinando. João Galvão Ja - cintho, 46 anos de idade, casado, extrovertido " é mais di - ferente que os outros ", não sabe informar se tem filhos, / provavelmente ajustado no matrimônio, analfabeto, lava - dor. Amadeu Galvão Jacintho, 44 anos de idade, não sabe / informar se é casado, extrovertido, " anda com todo mun - do", analfabeto, lavrador. Iniciou-se na lavoura aos 6 a -

-2-

1a Auditoria da 2a Circunscrição Judiciária Militar
Av. Brig. Luiz Antônio, 1249 - Telefone 33-2950
SÃO PAULO - SP



aos 6 anos, ajudando ao genitor; passados 10 anos seguiu a /
carreira de boia-deiro, profissão que tem até o dia de hoje. -
Recebeu educação patriarcal, dedicado ao trabalho e sem pos-
sibilidade de qualquer divertimento " meu pai não deixava /
nem a gente ir ao cinema e quando precisava ele batia em /
nóis ". Primeira masturbação aos 16 anos, primeiro e único
congresso heterossexual sem ser com a esposa aos 20 anos /
aproximadamente; nega sodomia e homossexualismo. Primeiro/
namoro aos 17 anos, permaneceu cerca de um mês " nós aban-
donamos porque eu via que ela não servia pra casar, porque/
eu namorava pra casar ", namorou com mais duas moças porém/
seria com a quarta que iria se casar aos 22 anos após um na-
moro de aproximadamente 4 meses " porque eu achei ela sufi-
ciente, entrou no coração de que a gente devia viver junto".
Passado um ano teve seu primeiro filho tendo ao todo quatro
filhos dos quais 3 são homens; Juvenal Jacintho 25 anos, ca-
sado, 1 filho, vive ajustado no matrimônio, introspectivo, "
corajoso ", primário completo, motorista, residente em Par-
naíba (MT). Josenil Jacintho, 23 anos, solteiro, lavrador,
" ele não tinha cabeça para os estudos repetiu 3 anos, ...ê-
le é bastante calmo mas as vezes sente um nervoso por dentro,
a gente nota que ele sente nervoso pelo estudo". Jonil Jacin-
tho, 20 anos, solteiro, lavrador, " ele é calmo, mas confor-
me a hora que precisa de nervoso ele tem o nervoso", primá-
rio completo. Leonil Jacintho, 19 anos, casado, 1 filho, vi-
ve ajustado no matrimônio, extrovertido, primário completo. O
examinando sempre foi uma pessoa calado, um tanto desconfia-
da, trabalhador, responsável para com o trabalho e com o lar
deu aos filhos educação patriarcal, " eu sempre fui enérgi-
co, não deixava eles ir ao cinema porque eu criei meus filhos
como eu fui criado "; com 39 anos " é que de um momento para
outro comecei a seguir pelo bem largando tudo o que foi de
mal para traz, aí eu passei a família para tras e abandonei/
tudo ". EXAME FÍSICO ATUAL: - Biótipo leptossomático (Kres-
tohmer) com 70 kgs., com estado geral e de nutrição satisfa-
tórios. Pele com humidade e elasticidade normais. Não apre-
senta queixas para os diferentes aparelhos e sistemas. Ao
exame:... APARELHO RESPIRATÓRIO: nada digno de nota. APARE =

APARELHO DIGESTIVO - abdômen plano, sem ruídos adventícios, in -
 dolor à palpação superficial e profunda. Fígado e baço den -
 tro dos limites fisiológicos. APARELHO CARDIO-VASCULAR - ictus
 visível e palpável n.º 5º E.I.E. na altura da linha H.C., mó -
 vel, normopulsivo, com diâmetro de aproximadamente 1 cm. -
 Bulhas normofonéticas. Pulso da radial com 70 batimentos por
 minuto. Pressão arterial 14/9 cm de Hg. APARELHO GENITO-URI -
NÁRIO - na a digno de nota. EXAME NEUROLÓGICO: - Marcha nor -
 mal o mesmo sucedendo com o tonus e força muscular. Pupilas -
 isocóricas e isocrômicas reagindo bem à luz. Reflexos osteo -
 tendíneos normais e simétricos o mesmo sucedendo com os su -
 perficiais. EXAME PSÍQUICO ATUAL: - Apresenta-se com as ves -
 tes próprias da Casa de Detenção, postura altaneira, tonali -
 dade de voz baixa e fatalista principalmente ao relatar os -
 fatos delitivos, cabelos alinhados relativamente, barba fei -
 ta, higiene corporal satisfatória, olhar brilhante, hipomi -
 nia. Parcialmente desorientado no tempo " hoje eu não sei o
 dia que é nem o mês mas o ano é 71 ", orientado no espaço e
 ambiente. Denota diante de sua situação legal uma atitude /
 fatalista colocando " tudo nas mãos de Deus e dos homens ".
 Relata distúrbios senso-perceptivos progressivos em forma de
 pseudo-alucinações auditivas apresentando-as ainda hoje espo -
 radicamente. O curso do pensamento é íntegro porém o mesmo/
 não sucede com o conteúdo do pensamento, onde o examinando /
 tem plena consciência de ser um instrumento divino aqui na
 terra, de que é capaz de curar os animais e as pessoas, com/
 este " dado por Deus ", crê pacificamente que deve fazer o
 bem e que é necessário curar todo o mal que há no mundo, a -
 chando sua atitude correta em " abandonar o trabalho e a fa -
 mília " para dedicar-se à " sua crença " deixando para a espô -
 sa e os filhos as responsabilidades de " sustento " do lar. -
 " Conforme a pessoa a gente percebe o que ela está pensando,
 depende se é um espírito bom, agora irradiar e fazer trans -
 missão de pensamento eu nunca tentei mas se eu quiser eu con -
 sigo pelo poder de Deus e pela afirmação ". Tivemos oportuni -
 dade de observar o encontro entre o examinando e a esposa e
 este não demonstrou em suas fâcias e em sua tonalidade de /
 voz alegria em rever a esposa, esta estava irritável e agros

-3-

1.ª Auditoria da 2.ª Circunscrição Judiciária Militar
Av. Erip. Luiz Antonio 1240 - Telefone 33-2950
SAO PAULO - SP



e agressiva em decorrência do espôso não ter tido uma atitude agressiva para com os policiais, porém este em nenhum momento da conversa, mesmo nos momentos em que a espôsa chamava-o de "frouxo e trouxa" demonstrou qualquer resquício de irritabilidade e de revolta para com sua situação legal, enquanto que a espôsa apresentava egoísmo e certo domínio para com o examinando. Este por muitas vezes mantinha-se com o olhar pensativo, um tanto indiferente à conversa, como se estivesse "desligado". Chamava-nos a atenção o fato da espôsa crer piamente nos poderes místicos do marido dizendo "você tem intuição e devia aproveitar isso". Durante toda a entrevista que tivemos com o examinando este teve um contato / razoável porém o fez superficialmente não demonstrando a contação afetiva esperada para as situações criadas por nós, e mesmo quando falávamos da família, dos filhos e inclusive ao rever a espôsa. Conquanto seja analfabeto demonstra ter inteligência dentro dos níveis normais da clínica, memória de evocação e de fixação dentro dos limites da normalidade. Atenção em bom estado. Interpreta os provérbios dados de forma / correta porém sempre consegue relacionar com suas crenças / místicas. SÍNTESE E CONCLUSÕES: Pelo exposto podemos verificar do pensamento - idéias delirantes de cunho místico, grandeza, prejuízo e persecutórias que apresentou distúrbios sensorceptivos na esfera auditiva e que apresenta alteração / na esfera afetiva. Podemos concluir que essas alterações já se apresentava de longa data, ou seja na época dos fatos delituosos e por esta razão que nosso parecer é a favor da inimputabilidade do detento por ser este portador de quadro / esquizofrênico-paranoide. IX - RESPOSTAS AOS QUESTIONAMENTOS : 1) - O acusado ao tempo dos fatos narrados na denúncia era, por motivo de doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado, inteiramente incapaz de entender o caráter criminoso do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento ? R) - Sim, o detento na época do delito não tinha capacidade de entender nem autodeterminar-se diante dos fatos / por ser portador de um quadro esquizofrênico-paranoide. 2) - O acusado ao tempo da ação (ou omissão) não possuía, por motivo de perturbação da saúde mental ou desenvolvimento men

mental incompleto ou retardado, a plena capacidade de entender o caráter criminoso do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento ? R)- Prejudicado. Franco da Rocha, 07 de agosto de 1971 (a) Dr. Giovanni Ferdinando Angelo Di Giunta (Relator) - Médico Psiquiatra- (a) Dr. Carlos Roberto Hojaij-Médico Psiquiatra- Nada mais. Confeiti com o original. São Paulo, vinte cinco de outubro do ano de hum mil novecentos e setenta um (1971).-.-.-.-.-

Carbue
 [Signature]
 Ete.

ANEXO 3

Pareceres psiquiátricos publicados
na Folha de São Paulo, 17/12/1978

1973

Parecer psiquiátrico de 28 de setembro de 1973, assinado pelos médicos Clodoveu de Oliveira Dias Filho (relator) e Alexis Landgraf Carvalho:

"Fisicamente, encontra-se em bom estado. Comparece ao exame com vestes próprias da Casa e denotando um bom asselo corporal. Memória conservada para fatos recentes e remotos. Curso de pensamento normal. Quanto ao conteúdo, persistem as idéias delirantes persecutorias e místicas. "Ma perseguiram e eu estava montando

um exército de salvação para salvar o povo". Nega e não constatamos alterações sensorceptivas. Orientado alipsiquicamente e autopsiquicamente. Não tem consciência da doença. Bom comportamento nosocial não se dedicando, entretanto, a nenhuma atividade útil.

"Pelo exposto anteriormente, Aparecido Galvão Jacinto continua doente, devendo permanecer nosocial para tratamento e por oferecer periculosidade".

1974

Parecer psiquiátrico de 31 de outubro de 1974, assinado pelos médicos Jandurtes José de Figueiredo (relator) e Evandro Pereira Soares:

"Reexaminado nesta data, verificamos ser bom seu estado físico. Comparece ao exame psíquico trajando vestes próprias da Casa, limpas e com bom asselo de higiene corporal.

"Apresenta-se calmo, aborçável e lúcido. Mostra-se orientado auto e alipsiquicamente. Motórica e mímica diminuídas. Atenção e memória conservadas. Linguagem e curso do pensamento normais. todavia o conteúdo deste acha-se

fortemente marcado pela convicção delirante, do tipo místico religioso, que o levou ao processo crime. Nega e não constatamos, no momento, distúrbios de sensorcepção. Há déficit do senso de crítica, bem como de afetividade. Não demonstrou interesse por sua situação médica legal. Não exerce atividades úteis na Casa. Seu comportamento é bom. Vem sendo submetido a tratamento por meio de neurolepticos.

"Do exposto, somos de parecer que o examinando continua doente por longo período, por continuar nosocializado para a segurança da sociedade".

1975

Parecer psiquiátrico de 3 de novembro de 1975, assinado pelos médicos Jandurtes José de Figueiredo (relator) e Evandro Pereira Soares:

"Reexaminado nesta data verificamos ser bom seu estado de saúde física. Comparece ao exame psíquico com vestes próprias da Casa, limpas e adequadamente trajado e com bom asselo corporal.

"Apresenta-se calmo, lúcido e estabelecendo contato razoável. Mostra-se orientado auto e alipsiquicamente. Atenção concentrada. Motórica sem alterações. Memória íntegra. Linguagem normal. Curso de pensamento identificado, conteúdo deste coerente e lógico. Nega e não constatamos distúrbios de sensorcepção, permanecendo as vivências delirantes. Quanto aos fatos que o levaram a delinquir, diz o examinando: "foi uma coisa que eu mesmo não posso compreender. Primeiramente eu era boadeiro, até nem acreditava em rezas, um dia apareceu um homem doente e me pediu para rezar e ele ficou bom, daí o senhor sabe como é, a gente benze um e aparece dez. Acho que

foi um dom de Deus, a gente é católico e rezar". Em outra fala no exército da Salvação, fizemos um exército para salvar uma igrejazinha católica que construímos, egi inocente, pensava que as autoridades estavam do lado da gente". Assim verificamos que o interrogado teve críticas com certa lógica, embora suas conclusões sejam falhas. Afetividade é deficiente. Exerce atividades úteis nesta Casa. O comportamento tem sido bom. Continua submetido a tratamento com neurolepticos e alipsíquico.

"Segundo informes do Serviço Social, o paciente é visitado pelos filhos. Tem condições socioeconômicas razoáveis, grande interesse da família na saúde do mesmo, responsabilizando-se em apoiar em tudo que for necessário.

"Do exposto, somos de parecer que o examinando continua doente, todavia se beneficiou com o tratamento instituído porém sua periculosidade se encontra a nível superior a de um doente mental comum, portanto, devendo permanecer frenocombinado para segurança da coletividade".

1976

Parecer psiquiátrico de 29 de novembro de 1976, assinado pelos médicos Antonio José Rça (relator) e Guido Arturo Palomba:

Fisicamente acha-se bem. Apresenta-se ao exame psíquico em vestes próprias da Casa em regulares condições de higiene e asselo corporal. Acha-se calmo, lúcido, orientado, dizendo que para cá foi encaminhado "por causa de estar fanático na religião", então, falando de forma lenta, diz que "se não fosse por isto, eu tinha evitado muitas coisas e isso" (sic, conforme consta do laudo).

Qualquer outra esclarecimento pedido é explicado por si como "Fanatismo da religião", quando admitido que seja doença, o que demonstra o déficit de sua capacidade de crítica.

Afetivamente, indiferente em relação aos seus, nem quanto ao seu futuro, "reviu nas mãos do senhor", além de apresentar um sorriso um tanto inatencioso, que sempre ostenta, mesmo dialogando sobre fatos graves.

"Dedica-se a tarefas praxiterápias com assiduidade e o Serviço Social informa que sua família tem grande interesse em sua saúde. Acha-se identificado por neurolepticos, em manutenção e tem bom comportamento.

"Pelo exposto, observamos que o paciente continua doente, notadamente devido ao seu déficit de crítica e inadequação afetiva, com o que optamos para que ele continue em seu tratamento com neurolepticos, sem apresentar ainda periculosidade ao convívio social".

1978

Parecer psiquiátrico de 13 de janeiro de 1978, assinado pelos médicos João Moacir de Almeida Prado (relator) e Guido Arturo Palomba:

"Estado físico geral satisfatório. Está em tratamento psiquiátrico por neurolepticos em manutenção. Póela Incaracterísticos. Lúcido, calmo. Vestes próprias deste frenocômio em condições razoáveis de asselo e aparência cuidada.

"Orientado quanto à sua pessoa no tempo e lugar, estabelece bom contato. "Eu era benzedor e o Estado fez uma barragem que atingia minha propriedade. Fiz um Exército da Salvação que salvava minha propriedade, e a igrejazinha em que eu benzo o povo".

"Nega distúrbios de sensorcepção atualmente. Refere que estava fanatizado pela capacidade de benzer. Não tem noção de sua doença mental, apresentando a capacidade de crítica deficiente. Memória de fixação e evocação conservadas

"Por vezes ri de modo inadequado. Como atividade útil presta colaboração na copa do refeitório dos funcionários deste frenocômio com assiduidade e bom comportamento.

"O paciente tem sido visitado pelos filhos, conforme dados do Serviço Social. Não revela interesse em sua esposa. Ao terminar a entrevista, despede-se procurando demonstrar gratidão e fala: "Deus te abençoe".

"Considera-se ainda capaz de benzer, mas quando sair do manicomio não benzerá mais ninguém, para não criar problemas. Persistem, portanto, idéias delirantes de grandiosidade mística. A sua atividade está alterada.

"Pelo exposto somos de parecer que Aparecido Galvão Jacinto continua doente, devendo permanecer neste manicomio para dar continuidade ao tratamento psiquiátrico e para segurança social, por ainda apresentar periculosidade".

ANEXO 4

Fotografias

ANTES



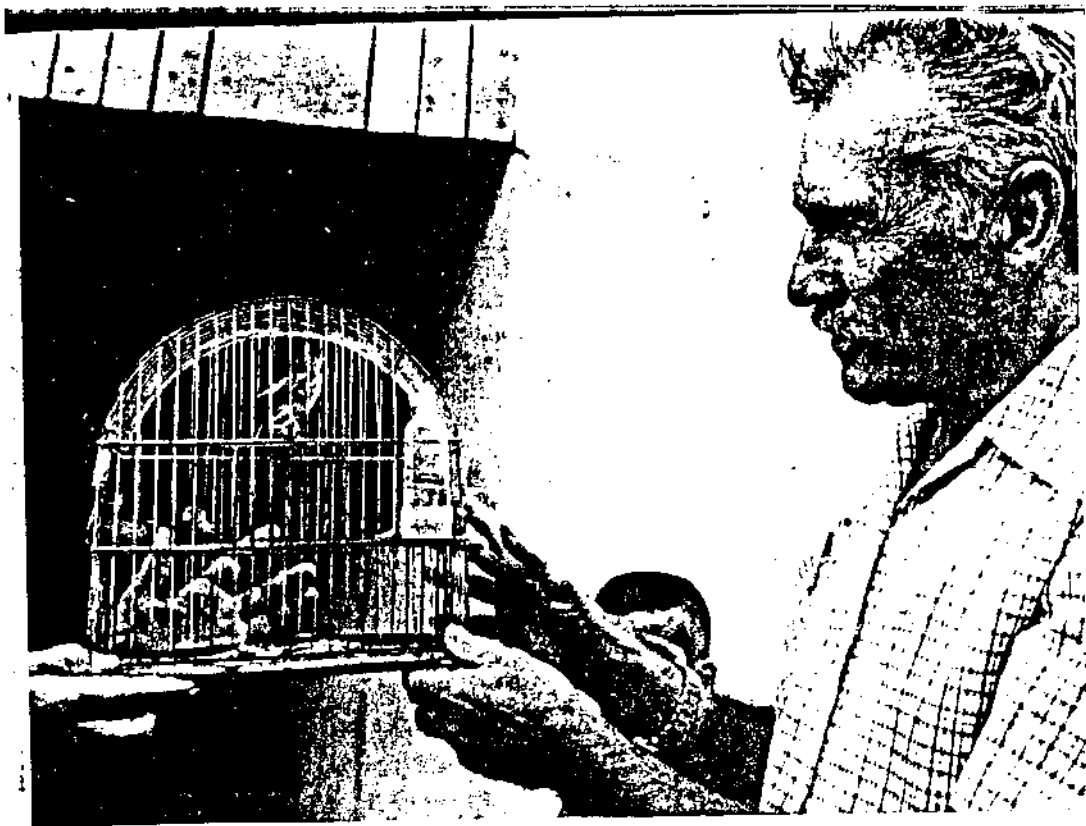
GALDINO, o "Boiadeiro de Deus"

(Foto publicada no Jornal do Brasil
em 01/09/1974).

DEPOIS

Eles pode dizer o que eu possa ser, se eu sou doente ou o que seja. Mas, eu não acredito. Acredito primeiramente em Deus e acredito em mim mesmo. Sei quem eu sou.

(Foto publicada na Revista Psicologia Atual, ano I, nº 8).

DEPOIS

"O coitadinho precisa aprender a ser livre. Talvez precise de penas, não sei. Um pássaro precisa aprender a ser livre, depois que fica muito tempo preso. Um homem, não".

(Fotografia e texto extraídos de SOUZA, Percival de - A Revolução dos Loucos, São Paulo, Global, 1980).

DEPOIS

Galdino em companhia de seu filho Jonil, na saída do Manicômio "*dispois que fiquei 9 anos nas prisão*".

(Foto extraída de SOUZA, Percival de - A Revolução dos Loucos, São Paulo, Global, 1980).

DEPOIS

*O que precisei passar foi provação e
provação num é loucura.*

(Foto extraída de SOUZA, Percival de - A Re-
volução dos Loucos, São Paulo, Global, 1980).



Adeptos de Galdino: "O mundo novo será de paz e justiça".

(Foto publicada na Revista Veja, em 04/12/74).